

O Clube dos Anjos

Por

Rafael Brandão Valois Leite

Baseado no romance de Luis Fernando Verissimo

Março 2013

1 EXT. PRAIA - NOITE

É madrugada na praia deserta. O mar vibra, o vento uiva.

Embaixo d'água, DANIEL luta contra a maré. Ele tem cerca de 40 anos, é muito gordo e está se afogando. Consegue emergir o rosto rapidamente, apenas para respirar um pouco e, logo em seguida, ser engolido novamente pela correnteza.

Na areia, onde antes não havia ninguém, surge LUCÍDIO, como uma aparição. Ele caminha em direção ao mar, iluminado pela lua cheia. É magro e baixo. Usa uma VESTIMENTA ORIENTAL VERMELHA. Seu rosto não é revelado.

Do mar, Daniel vislumbra, sem nitidez, a forma de Lucídio. Acena como pode. Tenta falar, mas engole água.

Lucídio, na água até os joelhos, puxa Daniel para a areia. Eles saem do mar, Lucídio solta o corpo de Daniel no chão. Daniel, tremendo, abraça as pernas de Lucídio.

2 INT. QUARTO ESCURO - NOITE

Num quarto escuro, iluminado apenas por um ABAJUR, Daniel está deitado na cama. Ele treme, seus cabelos ainda estão molhados. Som de PORTA RANGENDO; iluminação característica de porta sendo aberta esclarece um pouco mais do quarto.

Lucídio entra, carregando uma BANDEJA grande, dessas que se usa para café da manhã na cama, com um prato individual. Seu rosto ainda não é revelado.

Daniel vira com grande esforço, ficando de barriga para cima. Lucídio senta na cama e põe a bandeja em cima de Daniel. No prato, uma OMELETE imensa, muito grossa, recheada com ingredientes incontáveis, coberta com queijo derretido e algumas ervas.

Apesar do garfo e da faca dispostos na bandeja ao lado do prato, Daniel agarra a omelete com as duas mãos e começa a comê-la rapidamente. Após algumas mordidas, ele nota a própria falta de modos e olha envergonhado para Lucídio.

DANIEL

Desculpe.

LUCÍDIO

Tudo bem. Imagino que você esteja mesmo faminto. Com uma fome dessas, é natural que as boas maneiras se tornem um pequeno detalhe esquecido, uma lembrança remota,
(MAIS...)

(CONTINUA...)

LUCÍDIO (...cont.)
como deve ser o amor para os
prisioneiros. Pode comer à vontade.

DANIEL
Em minha defesa, eu nunca comi uma
omelete tão boa assim.

LUCÍDIO
Eu sei. Agora, termine de comer e
vá dormir, você precisa ficar bem
para o jantar. Você está lembrado
do jantar, não é? É muito
importante.

DANIEL
Estou sim, claro que sim.

LUCÍDIO
E todo mundo vem?

Daniel sinaliza que "sim" enquanto volta a comer a omelete -
agora com o garfo e a faca.

DANIEL
E alguém é doido de perder sua
comida?

LUCÍDIO
Perfeito. Durma bem, Daniel.

DANIEL
(de boca cheia)
Você também.

Lucídio sai.

DANIEL
E obrigado...

Vemos rapidamente que a cobertura e os acompanhamentos da
omelete estão diferentes de quando tinham aparecido antes.

3 INT. SALA DA CASA DE DANIEL - NOITE

Na mesa, Daniel divide um jantar com outros seis homens.
Eles são: ABEL, ANDRÉ, JOÃO, MARCOS, SAMUEL e SAULO. Todos
têm cerca de 40 anos - menos André, que parece ter 50 - e,
exceto Samuel, são gordos ou muito gordos. Sons de
TEMPESTADE e, eventualmente, também soam TROVOADAS.

(CONTINUA...)

Daniel está em destaque, no centro. LUZES DE VELAS em castiçais na mesa são a única fonte da esparsa iluminação do ambiente.

Percebemos que jantar já está acontecendo há algum tempo: na maioria dos pratos, apenas sobras. Também vemos muitas GARRAFAS DE VINHO, algumas vazias, outras na metade. Todos vestem roupas sociais, que estão muito sujas, e a mesa está caótica.

João se debruça na mesa para alcançar um pedaço de costela, que arranca de um LOMBO SUÍNO diretamente com a boca.

Marcos despeja vinho da garrafa, acima de sua cabeça, na própria boca, deixando escorrer fios de bebida pela roupa.

Uma boca mastiga obsessivamente, causando um RUÍDO IRRITANTE.

Daniel ARROTA. Todos riem.

Saulo tira um fiapo dos dentes.

Samuel, magro, com cabelos e barba grisalhos, termina um prato de CASSOULET. Está sério.

SAMUEL

Não é que esse veado cozinha bem? É um crápula, mas realmente cozinha bem, esse veado de merda.

Da sala onde o jantar está acontecendo, vemos uma porta fechada que leva à cozinha. O som característico de uma PANELA DE PRESSÃO é ouvido, vindo de lá.

André, óculos de aros redondos e aparência séria, tem, em sua frente, um prato com restos de PAELLA.

ANDRÉ

Gente, acho que nem depois que eu morrer vou comer tão bem assim lá no céu. Até os anjos devem estar com inveja da gente agora, espiando esse banquete lá de cima. Posso levar o que sobrar...?

João come um prato de aparência sofisticada, de PATO COM LARANJA.

JOÃO

Daniel, pode dar meus parabéns a esse seu cozinheiro!

(CONTINUA...)

Daniel está mordendo compulsivamente um OSSO onde quase não há mais carne alguma, buscando restos com a boca.

JOÃO (CONT.)

(enquanto fala, agitado, come sem parar e gesticula)

Quanta consistência, meu Deus! A gente pode ganhar dinheiro com ele, hein? Coisa certa, montar uma casa mesmo, cozinha francesa para a elite...

João para de falar porque já não consegue mais comer. Bate um pouco no próprio peito.

Marcos tosse, parece passar mal. Saulo, que está ao seu lado, dá tapas nas costas dele.

SAULO

Você está bem? Melhor parar um pouco...

Marcos faz um sinal negativo. Se esforça para falar.

MARCOS

Parar? De jeito nenhum. Não comer essa comida seria um pecado.

Abel lambe os restos de um prato vazio. Para de lamber. Taça de vinho mão, fala tranquila, devaneando.

ABEL

Ele é um artista, Daniel. Esse jantar é uma obra-prima. Apreciar esta maravilha é entrar em contato com a perfeição divina.

Samuel ri, mostrando seus DENTES PODRES enquanto mastiga.

SAMUEL

Quanta frescura por causa de um prato de comida. Vocês são uns putos, isso sim. Todos nós somos!

ABEL

Samuel, Samuel... Tantos anos se passaram e você continua estragando os momentos mágicos com seu astral dos infernos.

SAMUEL

Pelo menos eu não me iludo achando que vou pedir a conta ao céu, meus amigos. Ninguém aqui vai.

(CONTINUA...)

ABEL

Guarde seus agouros para você mesmo!

SAMUEL

Ora, mas o inferno tem suas vantagens. Dizem que lá o calor é tanto que toda carne já chega pronta para ser consumida. Ninguém fica com a pele crua por muito tempo. Que tal, se animaram?

ABEL

Você é doente, sabia? Daniel, ele está estragando o jantar!

Daniel, comendo um pedaço de carneiro com as mãos, fixa seus olhos na chama de uma das velas.

DANIEL

Mas está fazendo muito calor mesmo! Também, só tem gordo nesse clube. O ar fica até sem espaço pra circular.

Daniel ri muito alto e bate na mesa. Começa a se abanar.

DANIEL

Marcos, passa essa garrafa aí? Estou precisando me refrescar.

Marcos pega uma garrafa de vinho e entrega a Daniel.

DANIEL

Obrigado.
(deixa a garrafa cair no chão)
Merda!

A garrafa não quebra, mas a bebida escapa para o chão e desliza vistosamente. O fio de vinho segue se movendo pelo chão até alcançar a porta da cozinha - que está sendo aberta. Um pé, vestido com sapato preto, interrompe o caminhar do vinho pelo chão.

É Lucídio. Ele carrega uma BANDEJA coberta. Ainda não vemos seu rosto. Ele anda lentamente, deixando pegadas de vinho pelo chão, em direção à mesa.

Samuel nota que ele entrou.

Lucídio tem seu rosto escondido pela escuridão.

(CONTINUA...)

...CONTINUANDO:

6.

LUCÍDIO

Mais um prato saindo. Quem vai querer?

Lucídio destampa a bandeja. É um prato individual de PICADINHO DE CARNE COM FAROFA E BANANA FRITA, arrumado à maneira dos restaurantes sofisticados.

Samuel, caído na cadeira, admira o prato, deslumbrado.

SAMUEL

Passa isso pra cá.

Lucídio entrega o prato nas mãos de algum dos outros, que passa para Samuel. Samuel passa a mão na barriga e ouvimos som de EMBRULHO. Ele hesita um pouco mas, enfim, dá uma garfada. Bate palmas.

SAMUEL

Parabéns, querido Chef. Eu não vou resistir. É a melhor banana frita que eu já comi. Samuel começa a devorar o picadinho.

LUCÍDIO

Fico feliz.

Lucídio faz uma reverência e sai. Todos continuam comendo.

FADE OUT

FADE IN

4 INT. SALA DA CASA DE DANIEL - NOITE

Na mesa, vista de cima, os restos do banquete. Os homens estão todos caídos, desacordados. Alguns no chão, outros na própria mesa. As velas ainda estão acesas. Sons de TEMPESTADE continuam.

A porta da cozinha é aberta, novamente acompanhada pelo som de PORTA RANGENDO. Lucídio entra na sala. Ainda não vemos seu rosto.

Ele se aproxima da mesa. Afasta com os pés um dos homens que está caído; sente o pulso de outro. Enfim, pega uma cadeira e a ajeita de maneira que fique em frente a Daniel - que está desabado na mesa.

Lucídio se senta. Vemos o rosto de Daniel, caído, e as costas do cozinheiro. Daniel RONCA muito alto.

(CONTINUA...)

LUCÍDIO

Parece que só sobramos nós dois,
não é mesmo, amigo?

Daniel desperta, assustado. Está choroso e nervoso. Benze-se desengonçadamente. Fala com nítida insegurança.

DANIEL

Não, eu sou inocente. Ninguém
morreu na minha casa.

LUCÍDIO

Por favor, Daniel, fique calmo.
Precisamos conversar. Temos aqui
uma cena de crime com seis mortos.
E apenas dois sobreviventes.

Lucídio se levanta, ronda Daniel.

LUCÍDIO

Creio que isto significa que um de
nós é o culpado. Se a história
termina e só sobramos nós dois, um
de nós é o assassino. Não é óbvio?

DANIEL

É óbvio você é o culpado, porque eu
não fiz nada. Eles morreram da
comida, isso está na cara. E o
cozinheiro é você.

LUCÍDIO

É o que parece. Mas eu fico
pensando... Será que vão acreditar
em você? Eu posso sumir. Se eu
quiser, posso ir embora daqui agora
e desaparecer. Eu não deixei
nenhuma pista, nenhum rastro...
Nada. Ninguém me conhece na cidade.
Ninguém me viu. Se duvidar, vão
dizer até que você me inventou para
se safar da culpa. Não vai ser
difícil acreditar nessa história,
não é? Vamos combinar, Daniel, todo
mundo sabe que você é um gordo
mimado que não faz nada além de
comer, gastar e sujar o nome da sua
família. Gente boa, simpático, até
talentoso. Uma pena que tantos anos
de desocupação e mordomia acabaram
atacando o juízo.

Lucídio para. Balança a cabeça negativamente, olhando para Daniel. Puxa um cigarro do bolso e o acende.

(CONTINUA...)

LUCÍDIO

(gesticula)

Aquele gordo mimado que vivia esbanjando jantares enlouqueceu e matou todos os colegas do seu clube. E que ironia: matou pela boca. Envenenou a comida. Levou o pecado da gula ao seu limite fatal. Ora, Daniel: todo mundo sabia que o clube de vocês estava acabando. Daí você não quis que seus colegas continuassem vivendo se não fosse para se entupir de comida junto com você. É uma boa história. Os jornalistas vão adorar.

DANIEL

(choroso)

Mas eu não inventei você, Lucídio. Você existe, todo mundo te viu.

Lucídio senta-se novamente na cadeira. Agora, vemos eu rosto: sorriso inexpressivo, sem abrir a boca; cabelo impecável.

LUCÍDIO

Pode ser, Daniel. Mas agora, todo mundo morreu.

5 EXT. JARDIM EM FRENTE À CASA DE DANIEL - NOITE

A tempestade cai, movendo as plantas do jardim. Através de uma janela ampla, vemos as silhuetas de Lucídio e Daniel. Câmera se movimenta e mostra o céu nublado.

Surge o título: O CLUBE DOS ANJOS.

6 INT. COZINHA DA CASA DE DANIEL - NOITE

Imagens de Lucídio na cozinha, preparando um prato de PERNIL DE CORDEIRO assado. Ouvimos o terceiro movimento da APPASSIONATA, de Beethoven. A cozinha está escura e não vemos o rosto dele.

CRÉDITOS INICIAIS surgem.

Acidentalmente, Lucídio se corta com a faca. Leva o dedo cortado à boca e chupa, mas mesmo assim um pouco de sangue escorre e cai no pernil cru. Com um PINCEL de cozinha, ele espalha o sangue pela carne.

CORTA PARA:

7 INT. ESCRITÓRIO NA CASA DE DANIEL - NOITE

Daniel desperta, assustado, com um osso de pernil na boca;
Ele está caído em uma mesa de escrivaninha, sentado numa cadeira. Está suado e treme. Em sua frente, vemos uma GARRAFA DE VINHO pela metade, RESTOS DE COMIDA numa vasilha ou pratinho e um COMPUTADOR.

O escritório onde ele está é todo revestido de madeira. Há uma ADEGA de vinhos, estantes com poucos livros, TELEVISÃO, APARELHO DE SOM.

Daniel olha para o computador, onde está escrito, num programa tipo o Word:

"Lucídio não é um dos 117 nomes do diabo".

DANIEL

Jesus. Eu escrevi isso?

Daniel dá uns cascudos leves na própria cabeça.

DANIEL

Daniel, Daniel, falando sozinho de novo? Olha você!

Daniel apaga, letra por letra, o que está escrito na tela do computador. Fica um brevíssimo tempo em silêncio. Enfim, começa a escrever.

Na tela do computador, vemos que está sendo reescrito o que ele tinha acabado de apagar; Daniel lendo em voz alta.

DANIEL

Lucídio não é um dos 117 nomes do diabo.

(pausa)

Bom, gostei.

Ele continua escrevendo e lendo em voz alta.

DANIEL

(a mesma frase que ele diz está sendo digitada no computador)

Nem eu o conjurei de qualquer profundidade para nos castigar.

FUSÃO PARA:

8 INT. LOJA DE VINHOS - NOITE

Daniel, visto de longe, circula na loja, olhando os vinhos. Ele veste uma camisa larga por fora da calça e usa alpargatas. Vemos um ou mais caixas, ou funcionários que também circulam.

DANIEL (V.O)

Quando falei nele para o grupo pela primeira vez, alguém disse "Você está inventando!", mas sou inocente. Se quiser testemunhas do nosso primeiro encontro, procure os funcionários da importadora de vinhos.

Lucídio surge discretamente. Ele também olha as prateleiras de vinhos. Aproxima-se de Daniel. É magro, baixo e veste roupa pretas.

LUCÍDIO

Oi... Com licença. É que eu não sou daqui. Você sabe se eles têm Cahors?

DANIEL

Cahors... Vamos dar uma olhada, deve ficar por aqui.

Daniel se movimenta pela loja, analisando as estantes. Lucídio o segue.

DANIEL

Tem, tem sim, com certeza tem. Eu venho muito nessa loja, sabe? Venho sempre andando mesmo, pertinho de casa. Já queima um pouco as calorias, né?

Lucídio sorri, sem mostrar os dentes. Eles param em frente a uma prateleira e começam a procurar pelo Cahors.

DANIEL

Deve ser aqui. Amigo, eu sempre digo o seguinte: quem não aprecia um bom vinho está jogando a vida no lixo!

LUCÍDIO

Certamente. Eu mesmo só fui aprender a gostar depois de velho. Quando eu vi o que eu estava perdendo...

(CONTINUA...)

DANIEL

Aliás, você é magrinho assim, mas não vá me dizer que é desses que não come... Sempre desconfiei desse pessoal que come parecendo passarinho, dá vontade de caçar com um bodoque. Com todo o respeito, se for o seu caso.

LUCÍDIO

Sem problemas. Eu sou magro de ruim, como dizem. Também aprecio bastante os vinhos e a boa mesa. E cozinho também.

Daniel pega uma garrafa.

DANIEL

Mentira! Cara, você é dos meus! Eu tenho uns amigos que gostam muito de comer, viu? Você devia conhecer. Que tal este?

Lucídio pega a garrafa e sorri, sem mostrar os dentes.

LUCÍDIO

Perfeito. Vou levar esta mesmo. Obrigado, amigo.

9 INT. CAIXAS DA LOJA - NOITE

Vistos de longe, Daniel e Lucídio estão no caixa, passando os vinhos.

DANIEL (V.O)

Talvez os funcionários se lembrem que que saímos juntos.

Daniel e Lucídio andam juntos em direção à saída.

DANIEL(V.O)

Fomos vistos. Lucídio existe. Juro. Pergunte na loja.

10 INT. CAFÉ - NOITE

Daniel e Lucídio estão sentando em uma das mesinhas do café - vestem as mesmas roupas da cena anterior. Lucídio move-se com discrição, faz poucos gestos. Daniel é desengonçado, tem dificuldade em sentar na cadeira e quase derruba a mesa. Uma GARÇONETE entrega cardápios.

(CONTINUA...)

GARÇONETE
Boa noite. Posso ajudar?

LUCÍDIO
Um café expresso. Por favor.

GARÇONETE
(anotando)
Um café expresso...
(para Daniel)
E o senhor?

DANIEL
Só um instantinho, moça...
(rindo, para Lucídio)
Eu sempre tenho dificuldade pra
escolher, sabe como é?

Lucídio sorri, sem mostrar os dentes, claramente se esforçando para fingir interesse na conversa de Daniel.

DANIEL
(Para a garçonete; aponta no
cardápio)
Quero um desse aqui.

A garçonete sai. Rápido silêncio enquanto Daniel tenta capturar com a mão o que parece ser uma mosca.

LUCÍDIO
(chamando atenção de Daniel)
Mas então, Daniel. Agora há pouco,
você estava me falando sobre um
clube...?

Daniel fica sério.

DANIEL
Isso. Como é mesmo o seu nome?

LUCÍDIO
Lucídio.

DANIEL
Então, Lucídio. Este ano, faz 22
anos que a gente vem se reunindo.
São sete membros. Sempre sete.

Lucídio está atento. Faz menção de perguntar algo, mas a garçonete volta, trazendo os pedidos. O de Daniel é um CAFÉ GELADO, desses que lembram milk-shake.

(CONTINUA...)

DANIEL

Que produção, hein? Obrigado.

A garçonete acena e sai. Lucídio e Daniel pegam, cada um, um SACHÊ DE AÇÚCAR. Lucídio abre o dele rapidamente. Daniel tem dificuldade.

DANIEL

(rindo)

Rapaz, você não sabe como eu odeio esses sachês. É uma sacanagem. Difícil de abrir e a quantidade que vem não basta nem pro meu nescau.

LUCÍDIO

Deixa eu tent...

Daniel rasga o sachê de uma forma que derrama açúcar em toda a mesa. Ele ainda tenta limpar, mas é bem desajeitado.

DANIEL

Daniel, Daniel... Vê se aprende a ser adulto, rapaz!

(para Lucídio, rindo
evergonhado)

Desculpa, é que às vezes eu falo sozinho mesmo. Coisa de doido, né?

A garçonete chega para limpar a mesa.

DANIEL

Ufa... Obrigado, moça.

A garçonete sai. Rápido silêncio novamente. Daniel suga o seu café gelado com um canudo, produzindo um RUÍDO IRRITANTE.

LUCÍDIO

Então... São sempre sete membros?

Daniel volta a ficar sério.

DANIEL

Isso. Nos reunimos para comer, sabe? São jantares memoráveis, você precisa ver. Daqui a um mês, vamos começar outra temporada. Mas... nem queira saber.

LUCÍDIO

O quê?

Daniel parece estar contando um segredo.

(CONTINUA...)

DANIEL

É bem possível que, este ano, a temporada nem comece.

LUCÍDIO

Por quê?

DANIEL

O grupo está acabando. Acabou o tesão.

LUCÍDIO

É sempre o mesmo grupo?

DANIEL

Sim. Não. Um morreu e foi substituído.

Daniel tira da carteira uma FOTOGRAFIA e mostra para Lucídio. Na imagem, vemos sete homens reunidos numa mesa posta, posando para a foto. São os mesmos da cena do jantar na casa de Daniel, todos mais ou menos 20 anos mais novos, com exceção de André, que não está, e RAMOS, que figura no centro e parece ter cerca de 40.

DANIEL

(choroso; aponta Ramos na foto)

O que morreu foi esse. Ele era o nosso organizador. Fez os estatutos, até desenhou o brasão do clube. Depois que ele morreu...

LUCÍDIO

De Aids.

DANIEL

É. A coisa mudou.

11 INT. ESCRITÓRIO NA CASA DE DANIEL - NOITE

Daniel está escrevendo no computador. Para de escrever. Faz uma expressão confusa.

DANIEL

Ele disse mesmo "de Aids"?

Balança os ombros, dá um gole no vinho e volta a escrever.

12 INT. CAFÉ - NOITE

Daniel e Lucídio continuam conversando no café.

DANIEL

Com ele, a gente aprendeu que nossa fome não é feia como dizem, sabe? É bonita... É... É sagrada.

Lucídio pega a fotografia e olha para ela. Eles voltam a conversar, mas não ouvimos, por conta da narração em OFF.

DANIEL (V.O)

Se Lucídio estivesse fazendo anotações em cima daquela mesa de café, isto não destoaria do tom das suas perguntas. Mas na hora eu não notei o tom de questionário. Conteí tudo sobre a história do Clube do Picadinho.

FUSÃO PARA:

13 EXT. RUA EM FRENTE AO PRÉDIO DA AGÊNCIA DE PUBLICIDADE - FIM DE TARDE

DANIEL (V.O)

Antes do clube ser fundado, eu estava lançando uma agência de publicidade junto dois amigos que também viriam a ser membros: Saulo e Marcos.

14 INT. SALA DA AGÊNCIA DE PUBLICIDADE - FIM DE TARDE

Na pequena sala, estão MARCOS, SAULO e DANIEL, vinte anos mais novos. Há DOIS SOFÁS NOVOS e uma porta que dá para outro cômodo. Em uma MESA SIMPLES, no centro ou encostada na parede, algumas BANDEJAS DE SALGADOS E DOCES.

Marcos, sentado em um pequeno sofá, fuma um BASEADO e tem uma TELA DE PINTURA em sua frente. Ele olha, pensativo, para o quadro. Alguns traços de tinta compõem uma imagem incompreensível.

Daniel está sentado em outro sofá, com uma BANDEJA CHEIA DE PEQUENOS SONHOS no colo, comendo sem parar. Saulo em pé.

SAULO

E aí Marcos? Essa marca sai ou não sai? Já tem umas semanas que você tá pintando isso. Inspiração!

(CONTINUA...)

MARCOS

Calma, não é fácil assim, não. Vai sair, vai sair.

DANIEL

Enquanto isso, temos que cativar clientes. Não podemos ficar esperando a marca ficar pronta.

SAULO

Pois é, cativar clientes é minha parte do negócio, e eu já estou providenciando. E sua parte, Daniel? Onde estão os textos?!

DANIEL

(se engasga com os sonhos)
Estão em preparação. Escrever também não é fácil. É... é complexo. Não é pra qualquer um.

MARCOS

Eu acho que a gente podia mandar fazer uma decoração bem moderna aqui na agência. Pra atrair os clientes mais descolados. Os artistas, e tal. Seria legal. Nada de caretice.

SAULO

Uma coisa de cada vez... Primeiro o negócio tem que funcionar. E não quero saber se os clientes são descolados ou o escambau. O que interessa é saber se eles vão ter dinheiro pra pagar! Você é ingênuo, Marcos. Eu até admiro isso, mas você é ingênuo!

MARCOS

Você está dizendo que todo artista é pobre? Assim não me estimula, né?

SAULO

Não estou dizendo nada disso! Aliás, esqueça essa conversa. A ideia agora é fazer essas festas de promoção, pra divulgar a agência, atrair logo algum cliente e começar a trabalhar.

(CONTINUA...)

DANIEL

E a festa de hoje está confirmada mesmo?

SAULO

Está sim, com certeza, nem se anime pra comer os salgados. João disse que está vindo com um pessoal que pode dar em bom negócio.

CORTA PARA:

15 INT. AGÊNCIA DE PUBLICIDADE - NOITE

A festa está acontecendo. Estão apenas Marcos, Saulo, Daniel, JOÃO, também 20 anos mais novo, e quatro mulheres: BIA, JÚLIA, MARIA e LU. MÚSICA DANÇANTE toca muito alta.

Marcos continua no sofá em frente ao quadro. Bia está ao lado dele. João dança com Amanda num canto e Saulo conversa com Júlia perto da mesa. No outro sofá, estão Daniel e Lu, distantes. Daniel está com outra bandeja de sonhos no colo.

Bia olha para Marcos com interesse.

BIA

Então, você cuida da arte aqui na empresa?

MARCOS

(chapado)

Pois é. Você também é artista?

BIA

(chegando mais perto)

Não, não, eu... Eu sou estudante. O que é esse quadro?

MARCOS

Quando ficar pronto, vai ser a marca aqui da agência.

BIA

Que legal. Eu adoro arte, sabia?

Marcos concorda, sorrindo. Rápido silêncio. Bia se aproxima mais.

BIA

E como é que você está pensando essa marca?

(CONTINUA...)

MARCOS

(gesticula)

O que eu estou pensando é mais o menos assim... Como é que eu vou explicar pra você entender? Uma imagem que, quando a pessoa olhar, desconstrua - saca desconstruir? -, então, que desconstrua todas as ideias que ela já tiver sobre o que é uma agência de publicidade, tá entendendo? Mas que, ao mesmo tempo, faça ela dizer: essa marca só pode ser de uma agência de publicidade muito boa...

Bia agarra Marcos. O quadro cai no chão e outras tintas são derramadas no que já estava pintado.

No outro sofá, Daniel e Lu estão num "clima chato". Cada um está numa ponta do móvel, deixando um espaço razoável entre os dois. Lu, copo de bebida na mão, parece entediada. Daniel pega um sonho da bandeja para oferecer.

DANIEL

Você quer um sonho?

LU

Um o quê?

DANIEL

(grita, sem sair do canto do sofá)

Um sonho!

LU

Não, obrigada.

Daniel encolhe os ombros e come o sonho negado.

DANIEL

Tem mais comida ali.

LU

Oi?

DANIEL

(grita)

Tem mais comida ali!

Lu apenas faz uma expressão negativa e desvia o olhar de Daniel. Ele levanta e sai andando. Avista Saulo, que está flertando com Júlia, e se aproxima.

(CONTINUA...)

SAULO

(alisando o cabelo dela)
... é isso aí, estrelas do mercado publicitário! E não vamos esquecer que foram vocês que estiveram aqui com a gente, na firmeza, neste momento tão especial: a festa de inauguração!

Daniel chega e interrompe os dois. Levanta o dedo.

DANIEL

Oi... com licença... com licença?

SAULO

Oi... o que foi, Daniel?

DANIEL

Posso falar com você um instantinho?

SAULO

Pode falar.

DANIEL

Assuntos particulares sobre a agência.

SAULO

(para Júlia)

É rapidinho, certo?

Júlia, mexendo-se no ritmo da música e bebendo um DRINK DE CANUDO, balança a cabeça, sorrindo. Saulo e Daniel saem e vão para um canto.

SAULO

O que foi, Daniel? Não tá vendo que eu estou ganhando ali?

DANIEL

Saulo... Isso era pra ser uma festa de promoção da agência. Onde estão os futuros clientes?

SAULO

O pai de Júlia é empresário. Ela disse que ele vai contratar a gente. Relaxa!

DANIEL

Você acha que depois de ver essa festa ela ainda vai indicar a gente pra o pai?

(CONTINUA...)

SAULO

Daniel, você devia estar
chegando naquela menina, que está
ali sobrando.

No sofá, Lu fuma sozinha.

SAULO

Coragem, cara!

DANIEL

Eu estou falando sério. Cadê todo
mundo? Achei que ia ter muito mais
gente aqui.

SAULO

Eu convidei vários clientes
possíveis. Não tenho culpa se
ninguém apareceu, tá certo? Mas só
sei de uma coisa: quem está
perdendo essa festa são eles. Ok?

Saulo sai, dançando, em direção a Júlia, gesticulando para Daniel, indicando Lu no sofá. Daniel fica contrariado. Sua expressão é de birra. Vai até a mesa, pega outra bandeja cheia e volta para o sofá.

Em outro canto, João e Amanda se agarram.

Daniel dá um tchauzinho pra Lu. Ela responde com um sorriso seco.

Saulo e Júlia se beijam.

Bia está puxa Marcos para dentro do outro cômodo. Eles entram e ela fecha a porta.

16

EXT. RUA EM FRENTE AO PRÉDIO DA AGÊNCIA - NOITE

No prédio, apenas uma das janelas está com a luz acesa.

DANIEL (V.O)

Quem visse as luzes acesas pela
janela da agência madrugada
adentro, diria que nosso trabalho
era intenso e que nosso sucesso
estava garantido...

17 INT. BAR DO ALBERI - FIM DE TARDE

Um típico boteco: várias garrafas de cerveja e destilados baratos, freezer cheio de cervejas, balcão meio sujo, vidro com salgados. Do lado de dentro, estão apenas Alberi e um funcionário, que está no caixa. Gente passando, sons de CONVERSA. O salão é apenas coberto com uma espécie de toldo, e algumas mesas ficam na rua.

Na cozinha do bar, ALBERI frita um ovo. Vemos, ao lado do fogão, um pote de MANTEIGA e VÁRIOS OVOS. Um PAGODE toca ao fundo. Alberi olha para trás quando vai falar.

ALBERI

Um está bom, seu... Como é mesmo o nome do senhor?

SAMUEL (OFF)

Um ovo? Assim você me ofende, seu crápula. Pode meter mais aí. E me chame de Samuel.

ALBERI

Certo, seu Samuel. Quantos?

SAMUEL (OFF)

"Seu" Samuel? Eu lá sou cafetão para ser tratado assim? Me chame de Samuel. Vá botando aí, que eu digo quando for para parar.

Ouvimos Samuel dar uma RISADA SARCÁSTICA CARACTERÍSTICA. Alberi pega outro ovo e joga em cima do primeiro.

SAMUEL (OFF)

Dois é bom. Mas essa panela ainda aguenta mais. Pode continuar.

Alberi quebra outro ovo.

SAMUEL (OFF)

Três é número ímpar, dá azar. Fecha quatro ovos.

ALBERI

(ri)

Quatro ovos? Saindo agora.

Alberi joga o último ovo na frigideira. Os quatro ovos formam uma massa frita disforme. Ele põe a comida num prato e anda em direção ao balcão.

(CONTINUA...)

Vemos que SAMUEL, agora com 20 e poucos anos, está sentado, encostado no balcão, fumando e bebendo cerveja. A comida chega.

SAMUEL

Merci.

ALBERI

Obrigado.

Alberi sai; volta para a cozinha. Vemos que uma MULHER muito atraente está ao lado de Samuel, em pé. Ela também fuma e bebe. Parece ansiosa. Samuel puxa-a pela cintura.

SAMUEL

Aceita, meu bem? Não vai querer nada mesmo?

A mulher olha para os ovos com uma expressão de desgosto.

MULHER

Francamente Samuel, você me chamou para um "rango", mas também não imaginei que fosse num cacete armado desses.

SAMUEL

Ora, e eu não sabia que o padrão de qualidade da madame estava acima do meu. Saiba que o bar do Alberi aqui é famoso pela qualidade da cozinha. Melhor do que muito restaurante sofisticado de merda que tem por aí. Estes ovos mexidos mesmo estão...

Samuel faz uma expressão: "uma delícia".

MULHER

Ovo frito, Samuel?

SAMUEL

Eu não tenho frescura. Mas você pode pedir outra coisa. Dizem que o picadinho daqui é divino.

MULHER

Picadinho? Ai Samuel, sabe de uma coisa? Eu acho que é melhor eu ir embora. Daqui a pouco meu marido chega em casa... Não sei não.

(CONTINUA...)

SAMUEL

Está bem.

Samuel puxa-a para um beijo; ela escapa.

MULHER

(manhosa)

Disfarça. Até a próxima.

SAMUEL

Até.

Samuel dá um discreto aperto na bunda dela - que sorri e sai. Ele se volta novamente para o prato. Enquanto está comendo, distinguimos sons de RISOS em meio à conversa geral.

SAULO (OFF)

(voz soa distante)

Olha lá, o maluco pediu quatro ovos!

Mais risos. Samuel para de comer. Cerra os olhos. Olha em direção ao salão ou pátio do bar.

Em uma das mesas da rua, estão reunidos Daniel, Saulo, Marcos, João e ABEL - todos com cerca de 20 anos. Abel veste ROUPA DE SEMINARISTA. Saulo percebe que Samuel está olhando e acena de forma amigável.

Samuel responde ao aceno, mas parece intrigado.

DANIEL (V.O)

Éramos tão vorazes, no início.
Tenho certeza de que foi isso que
atraiu Samuel até nós.

Na mesa, os amigos comem de forma voraz. Vemos vários PRATOS DE PICADINHO e GARRAFAS DE REGRIGERANTE E CERVEJA. A mesa está entupida, quase não há espaço livre.

Um dos pratos é disputado com violência pelos garfos e facas de Marcos e Saulo.

Daniel respira rápido e bate no próprio peito. Tosse um pouco, dá vários goles no refrigerante.

João fala e gesticula bastante de boca cheia, deixando cair comida pela mesa. Abel come freneticamente num prato que claramente não é individual.

Samuel observa.

(CONTINUA...)

João vira uma bandeja de comida na boca, enquanto os outros batem na mesa.

Samuel olha para as outras mesas e percebe que os confrades chamam atenção: todos olham para eles, com expressão de desaprovação.

DANIEL (V.O)

Ele se identificou com nossa fome animalesca.

Samuel se levanta, puxa uma cadeira de uma mesa vazia.

18

EXT. BAR DO ALBERI - FIM DE TARDE

Samuel se aproxima da turma, com a cadeira na mão.

SAMUEL

Tem espaço para mais um aqui?

Todos param de comer e olham para Samuel. Rápido silêncio.

DANIEL

É esse o cara dos quatro ovos?

SAULO

Já deu pra ver que é dos nossos!

DANIEL

E magrinho assim? Que inveja. Senta aí, quatro ovos! Pega um prato.

SAMUEL

Obrigado.

Samuel senta ao lado de Daniel. Está tranquilo, mas contido.

JOÃO

Comer quatro ovos é bom sinal, mas também não é nada demais. Tenho um amigo que uma vez passou um mês inteiro só ingerindo ovo frito. Só ovo frito e mais nada, nem água.

MARCOS

Não ouça o que ele diz. João é mentiroso profissional. É verdade, ele ganha dinheiro mentindo. E ainda acha bonito. É golpista. Eu digo mesmo.

(CONTINUA...)

JOÃO

Epa! Olha essa boca!

DANIEL

Gente, por favor, por favor. Temos um convidado. Qual é seu nome, quatro ovos?

SAMUEL

Samuel.

DANIEL

Samuel. Já comeu o picadinho aqui do Alberi?

SAMUEL

Estava observando vocês... Tive que sentar aqui para compartilhar essa paixão toda.

DANIEL

Então sirva-se! Samuel serve-se do picadinho e come. Parece maravilhado.

SAMUEL

De fato, este Alberi é talentoso.

DANIEL

Pode comer que ainda vem muito mais.

Samuel pega mais comida. Saulo oferece cerveja, ele aceita. Todos comem e bebem.

19

INT. BAR DO ALBERI - CORREDOR QUE DÁ PARA O BANHEIRO

Daniel lava as mãos no corredor do banheiro. O PAGODE continua tocando. Ele dança seguindo o ritmo da música.

ABEL (OFF)

Daniel!

Daniel se assusta. Benze-se, nervoso. Abel entra.

DANIEL

Está doido, Abel? Que susto!

ABEL

Não sei não, Daniel. Não estou gostando desse intruso.

(CONTINUA...)

DANIEL

Intruso?

ABEL

Não sei. Não fui com a cara dele.

DANIEL

Que história é essa? O cara é super gente boa.

ABEL

Você não sentiu uma energia negativa quando ele sentou na mesa, não?

DANIEL

(ri)

Lá vem você com esses papos de energia. Abel, fique tranquilo. É sempre bom fazer novas amizades.

ABEL

Tá bom, mas como é que você pode afirmar que ele é gente boa?

DANIEL

Simpatia, só isso. Eu tenho boa intuição pra essas coisas.

ABEL

Intuição... Se o mundo fosse como diz a sua intuição, só ia ter anjo por aí.

DANIEL

Abel, acho que a Igreja está de deixando doido, só digo...

Daniel para de falar e faz uma expressão assustada para Abel, indicando que alguém está chegando. É Samuel; ele passa, cumprimenta os dois e entra no banheiro.

20

EXT. BAR DO ALBERI - NOITE

Na mesa, vários pratos empilhados, talheres, copos e garrafas. Quase não há restos de comida: tudo foi raspado até o último farelo. Vemos cada um dos membros da turma acabados pelo excesso, "mortos". Samuel come a última garfada do seu prato e é o único que não parece fatigado.

Já não há mais ninguém no bar. Um funcionário está leva para dentro a única outra mesa que ainda restava no pátio. A música também parou; tudo está em silêncio.

(CONTINUA...)

Samuel mastiga um palito e fuma. João bate palmas para ele.

JOÃO

OK, quatro ovos, eu te subestimei.
Que estômago!

SAULO

Temos que marcar uma revanche!

SAMUEL

Sabem o que é? Para comer bem, você precisa saber os temperos, os ingredientes, todas as nuances, todos os detalhes da cozinha. Você descobre sabores que nem sabia que existiam. É como apreciar uma boa mulher: se você conhece o mundo dela, sente como se estivesse penetrando mais fundo, entendeu? Você come melhor. É claro que ninguém precisa virar cozinheiro para isso.

Samuel dá sua risada sarcástica característica. Todos estão atentos.

SAMUEL

Muito obrigado, companheiros. Foi uma ótima noite, mas chegou a minha hora.

DANIEL

Apareça aqui na semana que vem, Samuel.

Samuel sorri. Faz um cumprimento geral a todos, sai do bar e entra na escuridão da rua.

21 INT. SALA DE AULA - NOITE

Uma cena do Rei Lear, de Shakespeare, é ensaiada por alunos de colégio. Um dos estudantes agoniza no chão, interpretando EDMUNDO. Outro está em sua frente, empunhando uma espada falsa, no papel de EDGAR. Há ainda outro, que faz ALBÂNIA.

EDMUNDO

Do que me acusas, eu fiz. E mais, muito mais. O tempo o revelará. Tudo agora é passado, e eu também.

(CONTINUA...)

Além dos alunos que estão atuando, a sala está quase vazia. RAMOS, cerca de 40 anos, óculos pendendo na ponta do nariz, bem vestido com roupas formais, observa, fazendo anotações num caderno. Na mesa em sua frente, alguns DOCES FINOS.

EDMUNDO

Mas quem és tu, que desta forma me derrotas? Se és um nobre eu te perdo.

Samuel aparece na porta, ou na janela, e acena.

EDGAR

Trataremos um ao outro com piedade. Meu sangue não vale menos do que o teu. Se vale mais, então foi maior a tua culpa...

Ramos vê Samuel e sorri. Levanta e faz um sinal de pausa para os alunos que estão encenando.

RAMOS

Queridos... Vamos fazer um pequeno intervalo, ok?

Os alunos interrompem a cena. Ramos ajuda o que faz Edmundo a se levantar.

RAMOS

Júnior, você está arrasando, meu bem, eu já estava todo arrepiado. César, você também está dez, eu só senti falta mais virilidade, pode ser? Descansem um pouco que eu vou aqui fora.

Ramos sai.

22

EXT. CORREDOR DA ESCOLA - NOITE

Na sacada do corredor deserto, Samuel e Ramos fumam.

RAMOS

Picadinho com banana frita num boteco? Isso vai ser interessante. Pelo que você está me contando, já vi que este pessoal terá que ser bem lapidado. O que é bom. Os rústicos com essência são bem melhores - e mais raros - do que os sofisticados de aparência.

(CONTINUA...)

SAMUEL

Eles comem como se estivessem desenganados.

RAMOS

Engraçado ouvir isso logo de você, Samuel. Mas vai ser bom ter amigos com quem dividir nossa fome. Senti bons ares em você hoje. Você sabe que, nesta idade em que eu estou, até as orgias perdem a graça.

SAMUEL

Ora, pare com esse drama... Você não está tão velho assim.

RAMOS

Em espírito, estou morto há muito tempo... Mas chega dessa conversa baixo astral. Você trouxe?

Samuel entrega duas CÁPSULAS DE COCAÍNA para Ramos, que as guarda no bolso com discrição.

RAMOS

Então... Até o jantar.

Ramos sai. Samuel acena.

23 INT. QUARTO DE MOTEL - NOITE

João está deitado na cama, só de cueca, fumando. Som de CHUVEIRO. Ele olha, maravilhado, para um CHEQUE que está em suas mãos.

Do banheiro, está saindo muito VAPOR. Vemos a silhueta de uma MULHER tomando banho.

MULHER (OFF)

E você tem noção de quando esse investimento vai dar retorno, bem? Porque você sabe, né? Eu não entendo nada disso.

JOÃO

Não tem como ter certeza, meu benzinho. Como eu te falei, depende de muitas variáveis. Mas pode ficar tranquila, viu?

João olha para o relógio.

(CONTINUA...)

JOÃO

Merda!

Ele começa a se vestir muito rapidamente.

MULHER (OFF)

O que foi?

JOÃO

Aquele jantar que eu tinha te falado, lembra? É agora. Estou atrasado! Já vou indo, um beijo! Te ligo!

João sai e fecha a porta.

MULHER (OFF)

Mas espera, você vai sair assim?
Não vai nem tomar um banho?

Ela sai do banheiro de toalha, em meio ao vapor, chamando por João - mas já não encontra ninguém.

MULHER

João!
(pausa)
Meu Deus, a conta!

24 INT. CONFESSIONÁRIO DE IGREJA

No escuro do confessionário, um casal faz sexo. A mulher ensaia gemer alto, o homem impede.

25 INT. IGREJA - NOITE

Na igreja quase vazia, ocupada apenas por duas ou três senhoras, o confessionário treme.

De dentro do confessionário, sai uma mulher atraente, com as roupas desajeitadas e os cabelos bagunçados. Ela se ajeita, olha em torno. Logo depois, quem sai é Abel, vestido de seminarista, e anda na direção oposta.

26 EXT. RUA EM FRENTE À IGREJA - NOITE

João está encostado no carro, estacionado em frente à pequena igreja. Abel surge.

(CONTINUA...)

JOÃO

Vamos logo, Abel. Porra! Que atraso!

ABEL

Imprevistos na congregação! Mas é claro que eu não ia perder o jantar de hoje.

Eles entram no carro, que arranca e sai em disparada.

27

INT. CARRO DE JOÃO - NOITE

Abel está pensativo: olha através da janela.

ABEL

João, eu preciso dizer uma... É que, assim... É que eu estou pensando em abandonar o sacerdócio.

JOÃO

Mentira! E quando a gente vai comemorar?

ABEL

Por favor, estou falando sério. Eu sinto que tenho a vocação, mas o tempo inteiro me flagro fazendo as coisas mais sujas e mundanas que existem. Agora mesmo estou indo me lambuzar de gula, um pecado terrível.

(benze-se e treme)

Isso sem falar em outros pecados incofessáveis que têm cooptado minha alma frágil.

JOÃO

Tá comendo alguém é?

ABEL

Não diga isso! Poxa! Estou aqui me abrindo com você. Não tem nada a ver!

JOÃO

Certo, sem estresse. Cara, para mim não tem isso de pecado não. São momentos de celebração, com amigos. O que tem de mal?

(CONTINUA...)

ABEL

É o excesso, o exagero no prazer do corpo. Isso desvia nosso foco da espiritualidade. Você não percebe, seu espírito é muito simples e passa longe dessas coisas.

JOÃO

Você que sabe. Eu quero é chegar logo para traçar esse picadinho. E você não fale mal do meu espírito!

ABEL

Nosso Senhor, eu clamo, proteja nossas almas fracas e corruptas das tentações deste mundo!

JOÃO

Epa, quem tem alma corrupta aqui? Me deixe fora dessa.

ABEL

João, por favor, entrei em oração, não interrompa.

JOÃO

Putá merda...

Abel saca um TERÇO e começa a rezar. João pisa mais fundo.

28

EXT. BAR DO ALBERI - NOITE

O bar está vazio e em silêncio. Além da mesa dos confrades, na qual estão Daniel, Saulo, Marcos, Abel, João, Samuel e Ramos, não há mais ninguém. Ramos está na cabeceira. Ele fuma um cigarro e bebe cachaça.

RAMOS

Vocês, meus queridos, têm um talento nato para a apreciação da boa culinária. Isto é raro, sabiam?! Nos jantares inteligentes e sofisticados que frequento, o que mais encontro são fingidores. Pessoas que se especializaram em posar para fotos e em escambo de elogios. Seria risível, se não fosse apenas triste. A fome em bando que vocês experimentam com tanta paixão é verdadeira, é humana. Senti uma identificação preciosa com este grupo. E tenho
(MAIS...)

(CONTINUA...)

RAMOS (...cont.)
certeza de que vocês tiveram a
mesma sensação.

Daniel cochicha para Abel.

DANIEL
Ele fala bonito, né?

ABEL
Não sei não...

Ramos levanta. Ronda a mesa enquanto fala. Todos prestam
atenção.

RAMOS
Eu sei bem como é se sentir
incompreendido simplesmente por ser
guloso. Só nós sabemos! Precisamos
nos unir. Formar um grupo
inabalável, mostrar para todo mundo
que nossa fome é sagrada, digna de
respeito e veneração. Sim, temos
que ter orgulho da nossa gula, por
que não? Vamos despertar o homem
selvagem, pronto para abocanhar
carne crua, que vive adormecido em
cada cidadão pacato.

Ramos está chegando de volta ao seu lugar. Põe o pequeno
copo de cachaça na mesa e fica em pé atrás da cadeira.

RAMOS
Foi um prazer indescritível estar
com vocês. Espero encontrá-los em
breve. Vamos, Samuel?

SAMUEL
Se estiverem vivos, até mais,
amigos.

Ramos joga a bagana de seu cigarro, que, para a surpresa de
todos, cai exatamente dentro do pequeno copo de cachaça. Ele
e Samuel saem e entram na escuridão da rua.

29 INT. RESTAURANTE 1 - NOITE

Um restaurante sofisticado. Abel, Daniel, João, Saulo,
Marcos, Samuel e Ramos estão numa mesa grande. Em contraste
com as cenas anteriores, a mesa é limpa e organizada. Cada
um come um prato individual e toma uma taça de vinho. Todos
sorriem e conversam entre si.

(CONTINUA...)

DANIEL (V.O)

No começo, Ramos era o único gourmet autêntico do grupo. Ele nos catequizou, pôs ordem e estilo na nossa fome.

30 INT. RESTAURANTE 2 - NOITE

Outro restaurante, também sofisticado. Agora, Ramos está em pé, discursando, charuto na mão, enquanto os outros comem.

DANIEL (V.O)

Ele nos convenceu de que a primeira decisão do Clube do Picadinho deveria ser justamente a de renunciar ao picadinho do Alberi como parâmetro de valor gastronômico para sempre.

31 INT. RESTAURANTE 3 - NOITE

Outro restaurante. Os amigos estão entrando. São calorosamente cumprimentados pelos outros clientes e garçons, que guiam-nos até uma mesa especialmente reservada.

DANIEL (V.O)

Havia a ostentação, sim. Depois que trocamos o picadinho do Alberi por coisas mais finas, nossos jantares passaram a ser rituais de poder, mesmo que não soubéssemos. Tínhamos um discernimento superior da vida e dos seus sabores.

32 INT. RESTAURANTE 4 - NOITE

Todos estão em pé numa mesa. Ramos no centro. Na parede atrás da mesa, uma DISCRETA CORTINA esconde algo.

DANIEL (V.O)

Foi Ramos quem transformou um dos jantares normais numa solenidade.

Na mesa, um PÃO GRANDE está em cima de um prato. Ao lado do prato, uma FACA, uma GARRAFA DE VINHO ABERTA e uma TAÇA CHEIA. Ramos corta o pão em sete pedaços.

RAMOS

Inauguro o Clube do Picadinho com os sete que estão nesta mesa, e
(MAIS...)

(CONTINUA...)

RAMOS (...cont.)
nunca mais do que este sete. Até
que a morte - ou mulheres - nos
separe.

Todos riem. Ele molha um pedaço de pão no vinho e passa o
prato e a taça para Samuel, que está ao seu lado. Samuel faz
o mesmo e passa para Daniel - e assim sucessivamente. Todos
estão emocionados.

Ramos acende um charuto. Enquanto ele fala, vemos os outros
molhando seus pedaços de pão no vinho.

RAMOS
Saibam que estamos exercendo uma
arte única. Sim, a gastronomia é um
prazer cultural como nenhum outro,
pois nenhum outro traz este desafio
filosófico: a apreciação exige a
destruição do apreciado. Veneração
e deglutição se confundem. Não há
outro ato que se iguale ao de comer
como exemplo de percepção sensorial
de uma arte.

O prato chega de volta às mãos de Ramos. Todos engolem os
pedaços de pão, ao mesmo tempo. Ramos tira a cortina da
parede e revela o BRASÃO DO CLUBE.

SAMUEL
Porque todo veado é inteligente
assim?

Os amigos batem palmas, riem e se cumprimentam. Abraçam-se e
posam para uma foto. O flash da câmera atinge a cena e
percebemos que esta é a foto que Daniel mostrou para Lucídio
no início.

DANIEL (V.O)
Dos jantares semanais em
restaurantes diferentes, mudamos
para reuniões mensais na casa de
cada um. E com o tempo e as
preleções de Ramos, refinamos nosso
gosto.

33 INT. CAFÉ - NOITE

De volta ao café. Lucídio e Daniel ainda conversam. A mesa
está limpa.

(CONTINUA...)

DANIEL

Nestas duas décadas, nunca cancelamos um jantar. Nunca. Nem por motivo de doença. Nem pela morte da mãe de ninguém. Nunca. Está entendendo meu receio?

LUCÍDIO

E vocês...

O CELULAR de Daniel toca.

DANIEL

Minha namorada...

Daniel faz uma expressão que parece dizer: "vou encarar", e atende. O telefone está alto; ouvimos a voz de LÍVIA.

DANIEL

Alô.

LÍVIA (OFF)

Oi, Zi. Você não está em casa?

DANIEL

Não, estou tomando um café.

LÍVIA (OFF)

Então vá logo, está ficando tarde. Deixei os congelados na geladeira.

DANIEL

Certo, certo.

Daniel desliga.

LUCÍDIO

Zi?

DANIEL

(envergonhado)

Diminutivo de Zinho, diminutivo de Danielzinho. Mulher, sabe como é... Acho melhor a gente ir.

LUCÍDIO

Claro.

Eles se levantam.

DANIEL

Lucídio, você quer dar uma passada lá em casa? É aqui perto. A gente pode continuar conversando.

Lucídio sorri e concorda. Eles saem.

34 EXT. RUA - NOITE

Lucídio e Daniel caminham. A rua tem pouco movimento.

LUCÍDIO

Então, depois da morte de Ramos,
você foram perdendo a motivação?

DANIEL

A motivação, o saco, o tesão...
Tudo menos a fome. O último jantar
foi uma tristeza.

FUSÃO PARA:

35 INT. SALA DA CASA DE SAULO - NOITE

Uma sala de tamanho médio. Comum, exceto pela presença de vários quadros na parede com ARTES ENVOLVENDO CHOCOLATE. A mesa está arrumada.

Saulo, com um copo de DRINK DE CHOCOLATE, acende as velas. Um discreto ITEM DE DECORAÇÃO NATALINA TÍPICO está no centro da mesa. O único que já está na sala, além de Saulo, é Samuel, que fuma e bebe champanhe, sentado num sofá. Em contraste com as cenas que se passaram na juventude, eles estão bem desgastados. Especialmente Samuel, que ostenta barbas embranquecidas, marcas no rosto, olheiras fortes e dentes podres.

A CAMPAINHA soa. Saulo vai até a porta e abre.

SAULO

Abel...

Abel entra e aperta os ombros de Saulo.

ABEL

Saulo...

SAULO

Gisela...

GISELA é uma jovem bastante atraente que não parece ter mais do que 20 anos. Ela entra carregando uma QUENTINHA.

GISELA

Boa noite, Saulo.

(CONTINUA...)

SAULO
Mas o que é isso?

GISELA
É meu bife com purê de batata, bem.
Cansei de comida metida a besta. E
nem venha me cercear! Abel está de
acordo!

Saulo parece indignado. Ele olha para Abel, que está indo para o sofá. Abel e Samuel se cumprimentam por acenos.

SAULO
Abel... Se a menina não vai comer,
precisava ter vindo? Francamente, é
uma falta de respeito com o clube,
nossa tradição...

ABEL
Deixa ela, deixa ela... Finge que
ela não está aí.

GISELA
(para Saulo) Pode falar na
minha cara, meu bem! Eu lá sou
mulher de deixar meu homem
andar sozinho? Comigo não!

Gisela vai se juntar a Abel. Ela e Samuel não se cumprimentam. A CAMPAINHA soa novamente. Saulo vai abrir. Agora, ele demonstra entusiasmo.

SAULO
Andrezão! Chegou na hora, meu
amigo. Vamos entrando!

André entra. Ele é tímido, usa uma bengala e apenas responde acendendo com a cabeça.

SAULO
Bitinha! Que honra imensa recebê-la
aqui!

BITINHA, mulher de André, também entra. É uma senhora séria, com cerca de 50 anos, vestida de maneira elegante. Saulo beija a sua mão.

DANIEL (V.O)
André entrou no clube no lugar de
Ramos, há uns dois anos. Foi
indicado por Saulo, que é o
relações públicas da empresa dele.
O pobre do André esperava encontrar
(MAIS...)

(CONTINUA...)

DANIEL (V.O) (...cont.)
pessoas civilizadas, mas se viu no
meio de um festim de ressentidos.

36 EXT. RUA EM FRENTE À CASA DE DANIEL - NOITE

Daniel e Lucídio estão em frente à casa de Daniel. Daniel abre o portão.

LUCÍDIO
Então as mulheres participam dos
jantares?

DANIEL
Algumas chegaram a participar.
Ramos deve ter se virado na cova.

FUSÃO PARA:

37 INT. SALA DA CASA DE SAULO - NOITE

De volta ao último jantar. Além dos que já tinham chegado, Daniel, João e Marcos também estão. Muita comida e bebida na mesa. Gisela come sua quentinha com bife e purê de batatas, contrastando com os outros pratos na mesa, que parecem sofisticados. Samuel está sentado numa das cabeceiras. Um JAZZ INSTRUMENTAL CALMO toca ao fundo. João e Abel, sentados frente a frente, discutem.

JOÃO
Abel, você fique na sua, por favor!
Estamos jantando!

ABEL
Eu estou na minha, João! Só
perguntei onde foi parar o dinheiro
dos vinhos do último jantar.

SAMUEL
João, cá entre nós, aquela
porcariada brasileira foi
superfaturada...

Os outros pararam de comer: estão prestando atenção na discussão. Menos Gisela, que se dedica, indiferente, à sua quentinha.

JOÃO
Estão me chamando de ladrão?

(CONTINUA...)

ABEL

João, João... Vai bancar o ofendido agora? Todo mundo aqui te conhece, rapaz! Só nunca esperei que você fosse fazer isso com o clube!

DANIEL

Você fez isso com o clube, João?

João amassa seu guardanapo e joga em cima do prato.

JOÃO

Eu não aguento mais esse seu tom se santinho, Abel! Esqueceu que você abandonou sua tão sonhada vida espiritual na juventude?

Bitinha está incomodada. Ela olha para André, que faz uma expressão que parece dizer: "fazer o quê?".

JOÃO

E para virar o quê? Um dos advogados mais corruptos da cidade! Ou alguém não sabe disso? E ainda por cima pedófilo! Agora vai negar?

Gisela para de comer e faz uma expressão intrigada. Abel levanta e bate na mesa.

ABEL

Agora você passou dos limites, João! Me caluniar desse jeito, na frente do clube e da minha mulher, foi demais!

Gisela se levanta e sai andando rápido. Vai até uma mesa menor, perto dos sofás, onde está sua BOLSA.

SAULO

(para André e Bitinha)
Não liguem para eles, vamos continuar comendo.

ABEL

Eu quero pedir uma assembleia para votarmos a expulsão de João do clube!

Gisela abre a bolsa, fazendo sinal negativo com a cabeça, e pega uma GRANDE CARTEIRA ROSA.

(CONTINUA...)

ABEL

Não podemos compartilhar a mesa com um bandido!

Gisela volta para a mesa com a carteira na mão.

JOÃO

Expulsão? Que piada! Vamos ver como essa porcaria sobrevive sem mim. Vai ser um tédio.

Gisela chega na mesa e dá a volta. Anda até João.

JOÃO

O que foi, menina?

Ela esfrega a IDENTIDADE no rosto dele.

GISELA

Menina não, pode me chamar de mulher, seu maluco. Olha aqui, eu tenho 18 anos completos. Tá vendo?

João empurra a identidade dela.

JOÃO

Eu lá quero saber sua idade, ninfeta?

Abel se debruça na mesa e agarra a camisa de João.

ABEL

Largue minha mulher!

João se solta à força. Com o impacto, uma garrafa de vinho é derrubada e suja Bitinha. Saulo entra em desespero. Levanta, pega seu guardanapo e começa a limpá-la.

SAULO

Dona Bitinha! Me desculpe, eles não sabem o que estão fazendo!

Samuel observa tudo com tranquilidade e um olhar penetrante, misto de prazer com curiosidade. Acende um cigarro. Está despojado. De repente, fala em latim:

SAMUEL

Si recte calculum ponas, ubique naufragium est.

38 PONTO DE VISTA DE SAMUEL

Todos olham para Samuel, intrigados. Ele dá uma baforada.

SAMUEL

Se fizerem as contas, o naufrágio é
em toda parte. Petronius,
Satyricon.

39 SALA DA CASA DE SAULO JOÃO

Vá se foder você também, Samuel!

SAMUEL

Feliz natal para você também, João.

40 EXT. JARDIM EM FRENTE À CASA DE DANIEL - NOITE

Lucídio e Daniel caminham no jardim. Estão indo em direção à casa.

LUCÍDIO

Ele citou o Satyricon?

DANIEL

Samuel tem uma erudição que não sei
de onde ele tira. Nunca vi um livro
na mão dele.

Chegam na porta. Daniel abre.

FADE OUT

41 TELA ESCURA

DANIEL (V.O)

Às vezes penso que fiz na minha
casa o que gostaria de fazer no meu
cérebro. Renunciei a tudo que
atrapalha.

42 INT. CASA DE DANIEL - MONTAGEM - DIA

MONTAGEM COM IMAGENS DA CASA DE DANIEL acompanha a descrição
em OFF.

Um salão quase vazio, com apenas DOIS SOFÁS BRANCOS.
CORTINAS BEGES fecham as janelas.

(CONTINUA...)

DANIEL (V.O)
Um salão imenso, tão vazio que parece preparado para um baile, que nunca sai.

PLANO MAIS FECHADO nas cortinas, que se balançam sutilmente devido ao vento.

DANIEL (V.O)
As cortinas beges nos janelões são minha única concessão à cor. Ou à Lívia.

Vemos uma PINTURA abstrata na parede, numa tela perpendicular a um dos sofás.

DANIEL (V.O)
Além de uma pintura de Marcos, minha concessão à amizade. Segundo o autor, a imagem representa a luta do ser uno para se livrar da dualidade entre corpo e espírito.

Uma MESA GRANDE surge no salão.

DANIEL (V.O)
Quando os jantares do grupo são, ou eram, na minha casa, eu colocava a grande mesa no salão.

Área de serviço com a MESA DESMONTADA e CADEIRAS EMPILHADAS.

DANIEL (V.O)
No resto do ano a grande mesa fica desmontada e as cadeiras empilhadas...

Daniel come sozinho numa MESA PEQUENA, dessas grudadas na parede, na cozinha.

DANIEL (V.O)
... e eu como na mesa da cozinha.

43 INT. SALA DA CASA DE DANIEL - NOITE

Daniel e Lucídio entram. Daniel acende a luz. Lucídio observa o ambiente.

DANIEL (V.O)
Lucídio examinou tudo e ficou em silêncio. o único comentário adequado ao meu grande salão vazio.

INT. ESCRITÓRIO NA CASA DE DANIEL - NOITE

Lucídio e Daniel sentados no sofá, frente a frente. Numa pequena mesa, uma garrafa de vinho aberta e duas taças cheias. Lucídio mostra para Daniel uma PEQUENA ESCAMA VERMELHA plastificada, com um ideograma oriental pintado em branco no plástico.

LUCÍDIO

Sou o único homem no hemisfério ocidental que tem uma destas.

DANIEL

O que é isso?

LUCÍDIO

Uma escama de fugu. Eu pertenço a uma sociedade secreta que se reúne uma vez por ano em Kushimoto, no Japão, para comer fugu recém-pesado. É o clube de gourmets mais exclusivo do mundo.

Daniel parece intrigado. Lucídio simula um cozinheiro cortando o peixe enquanto fala.

LUCÍDIO

Isso porque o fugu é um peixe venenoso. Se não for preparado por um especialista, treinado em cortar o peixe corretamente, pode matar em minutos.

Daniel sorri levemente. Lucídio está sério.

LUCÍDIO

O treinamento de um preparador de fugu leva três anos. Todos os anos a sociedade faz uma prova para saber quem recebe o título de mestre do fugu. Cada aluno testa o fugu recém-pescado que preparou num voluntário. Se o peixe estiver mal preparado, o voluntário morre na hora.

DANIEL

Então, os voluntários formam a sociedade?

LUCÍDIO

Exatamente.

(CONTINUA...)

DANIEL

E o voluntário ganha alguma coisa para participar da prova?

Lucídio sorri, sem mostrar os dentes, e balança a taça.

LUCÍDIO

Eu não esperava uma pergunta dessas de você.

DANIEL

Mas então...

LUCÍDIO

O prazer de comer o fugu é triplicado pelo risco de morte, Daniel.

Daniel parece processar a informação. Lucídio inclina-se para frente.

LUCÍDIO

Daniel, eu já participei de dezessete provas. E cada vez o tesão é maior.

Daniel treme.

DANIEL

O que está escrito no plástico?

Lucídio mostra novamente a escama, que reluz.

LUCÍDIO

Há várias traduções possíveis. Mas pode ser: "Todo desejo é um desejo de morte".

DANIEL

Todo desejo é um desejo de morte...

A barriga de Daniel RONCA alto. Ele ri, envergonhado.

LUCÍDIO

Acho que você está com fome... Posso preparar alguma coisa?

DANIEL

Claro.

45

INT. COZINHA DA CASA DE DANIEL - NOITE

Lucídio está terminando de preparar uma OMELETE no fogão enquanto Daniel, sentado, escreve num CADERNINHO.

LUCÍDIO

Se me permite a pergunta, o que você está escrevendo?

DANIEL

Ah... São só umas histórias. Nada demais. É que eu gosto de escrever.

LUCÍDIO

E você já publicou alguma coisa?

DANIEL

Nada... Não escrevo muito bem não. É mais um *hobby* mesmo, sabe?

Lucídio terminou. Ele leva o prato de omelete até Daniel. É igual ao prato que vimos na cena de sonho do início.

LUCÍDIO

Pois você deveria insistir. Os *hobbies* normalmente escondem nossas verdadeiras vocações.

Daniel já não está mais prestando atenção no que Lucídio diz: tem seus sentidos todos voltados para o succulento prato em sua frente. Ele come um pedaço. Saboreia.

DANIEL

E cozinhar, para você é um *hobby*?

LUCÍDIO

Digamos que é um *hobby* profissional.

DANIEL

Perfeita... Tostada até o ponto, úmida por dentro...

LUCÍDIO

Daniel, eu pensei em te ajudar no próximo jantar do clube. O que acha?

Daniel continua comendo, empolgado. Concorde com a cabeça e faz sinal positivo com a mão.

(CONTINUA...)

DANIEL

O pessoal vai adorar te conhecer...

LUCÍDIO

Na verdade, eu prefiro ficar na cozinha. É mais a minha cara. Além disso, eu não sou do clube.

DANIEL

(de boca cheia)

Você que sabe...

Imediatamente, Lucídio puxa um BLOCO e uma CANETA do bolso e começa a abrir as gavetas e armários, conferindo as painéis e utensílios, fazendo anotações. Daniel quase não repara.

46 INT. SALA DA CASA DE DANIEL - NOITE

Lucídio se prepara para ir embora; aperta as mãos de Daniel com uma pequena reverência formal, de pés juntos. Daniel parece estranhar.

LUCÍDIO

Posso dar um conselho?

DANIEL

Claro.

LUCÍDIO

Não convide as mulheres.

Lucídio sai. Daniel fica com uma expressão intrigada.

47 EXT. JARDIM EM FRENTE À CASA DE DANIEL - DIA

Daniel e LÍVIA estão numa mesinha no jardim. Lívia tem cerca de 30 anos, é magra e bonita. Está deitada numa cadeira de tomar sol e lê uma revista. Daniel toma um drink; entope seu copo de açúcar, fazendo um claro esforço para que Lívia não veja. Ela fala sem olhar para ele.

LÍVIA

Estou esperando você me contar quem é que estava com você ontem.

DANIEL

Era um amigo, Lívia. Você...

LÍVIA

Não era o Samuel!

(CONTINUA...)

DANIEL

Não era o... Lá vem você implicar com Samuel de novo?! E ontem...

Lívia para de ler e se vira para Daniel.

LÍVIA

Implicar? Faça-me o favor, Zi! Você já notou que até o feitio dele é de um verme? E aquela cara de pervertido, ele achou aonde?

DANIEL

Lívia, um pouco mais de respeito, ok? Samuel é um dos membros fundadores do clube...

LÍVIA

Pelo amor de Deus! O clube, o clube. Quando é que vocês vão crescer e acabar com isso? A gente combina uma dieta juntos...

DANIEL

Lívia, nós já conversamos sobre dieta, você sabe minha opinião. E fique tranquila: quem estava comigo ontem não era Samuel.

LÍVIA

Quem era então? Era uma mulher?

DANIEL

Era outro amigo. Você não conhece.

LÍVIA

Mas quem...

O telefone celular de Daniel toca. Lívia resmungando e volta a ler a revista. Daniel olha quem é: Lucídio. Hesita em atender na frente de Lívia; decide atender mesmo assim.

DANIEL

Oi.

CLOSE na boca de Lucídio falando ao telefone. Não vemos muito do quarto. Ao fundo, numa PEQUENA MESA, alguns ingredientes: PEDAÇOS DE CARNE; GARRAFA DE VINHO; TOMATES...

LUCÍDIO
Oi Daniel. Sou eu, o da omele...

DANIEL (OFF)
Sim, sim, como vai?

LUCÍDIO
Estou providenciando os
ingredientes.

49 EXT. JARDIM EM FRENTE À CASA DE DANIEL - DIA

Daniel fala ao celular, Livia lê a revista.

LUCÍDIO (OFF)
Já sei que prato vou fazer. Um
bouef bourguignon.

DANIEL
É mesmo? Abel vai gostar. É o prato
preferido dele.

Livia tira os óculos e olha para Daniel, incrédula.

50 INT. QUARTO DE LUCÍDIO - DIA

LUCÍDIO
Só uma coisa. Eu prefiro trabalhar
sozinho. Tudo bem?

DANIEL (OFF)
Sem problemas. O quê? Espera...
Livia! Livia, eu estou no telefone!

LUCÍDIO
Você já falou com os outros?

DANIEL (OFF)
Ainda não.

LUCÍDIO
Comece por Abel.

51 INT. ESCRITÓRIO NA CASA DE DANIEL - NOITE

Daniel está escrevendo o relato no computador. Seus olhos
estão muito vermelhos.

(CONTINUA...)

DANIEL

Comece por Abel... Foi isso mesmo que ele disse?

Sem prestar atenção, Daniel pega a garrafa de vinho e despeja na taça. Acidentalmente, derrama na mesa.

DANIEL

Merda! Merda!

Ele limpa, com a própria camisa, a bebida derramada na mesa. Volta a escrever.

52 INT. COZINHA DA CASA DE DANIEL - NOITE

A cozinha está escura. Vemos Lucídio em frente ao fogão, onde DUAS PANELAS borbulham. Ao lado, LEGUMES e outros ingredientes. Ele usa AVENTAL e TOQUE PROFISSIONAL na cabeça. Tira de uma panela um PEDAÇO DE CARNE ENSOPADO EM VINHO, pingando. A porta abre.

LUCÍDIO

Quem é?

Daniel entra.

LUCÍDIO

Feche a porta, por favor.

Daniel fecha a porta.

DANIEL

Que escuridão é essa?

LUCÍDIO

É uma técnica para não ressecar os ingredientes. O que você quer?

DANIEL

Só vim checar se estava tudo OK...

LUCÍDIO

Não precisa entrar aqui se eu não pedir, certo? Eu posso me desconcentrar e errar a mão.

DANIEL

Isso não. Tudo bem então...

LUCÍDIO

E todo mundo veio?

(CONTINUA...)

DANIEL

Para minha surpresa, sim!

LUCÍDIO

Perfeito. Pode voltar e servir o
champanhe. E depois os canapés.

DANIEL

Sim, sim... Daniel sai.

53 INT. SALA DA CASA DE DANIEL - NOITE

Na sala, a mesa está arrumada para o jantar. Todos os membros do clube, menos Daniel, estão no salão. Alguns sentados, outros em pé. Silêncio. Daniel entra com uma bandeja de taças de champanhe.

DANIEL

Esqueceram dos nossos brindes de
sempre? Vamos lá!

Todos estão desanimados. Relutantes, pegam as taças. Estão em círculo. Daniel, por último, pega a sua e deixa a bandeja em cima do sofá ou da mesa.

DANIEL

À fome!

TODOS

(sem entusiasmo)

À fome.

DANIEL

Ao Ramos!

TODOS

Ao Ramos.

SAMUEL

Ao nosso calor humano!

ANDRÉ

Ao nosso calor...

André percebe a ironia e fica envergonhado. Samuel ri.

SAMUEL

Isso é tudo uma merda de uma
comédia mesmo. Mas não é que vale a
pena?!

(CONTINUA...)

DANIEL

Samuel!

Samuel faz uma expressão: "comigo?". Todos brindam.

54 INT. SALA DA CASA DE DANIEL

Todos, menos Daniel, estão no salão. Novamente, silêncio.

Daniel entra trazendo uma bandeja de canapés.

DANIEL

Canapés chegando, gente!

Daniel põe a bandeja na mesa. Todos levantam e vão pegando os canapés, em silêncio. Daniel observa, sorridente. De repente, algo chama sua atenção.

É João: ele é o primeiro que está acabando de engolir o canapé. Sua expressão muda completamente. Está maravilhado.

JOÃO

Meu Deus...!

Daniel sorri. Olha para outro lado:

55 PONTO DE VISTA DE DANIEL

Abel come o canapé e tem a mesma reação que João teve. O mesmo acontece com cada um dos outros.

56 SALA DA CASA DE DANIEL

Daniel está emocionado: uma lágrima cai de um dos seus olhos. Ele come o seu canapé com grande prazer.

DANIEL (V.O)

Naquele momento, pensei: o Clube está salvo. Lucídio nos fez renascer.

CORTA PARA:

O jantar começou: o belo prato de *bouef bourguignon* está no centro da mesa. Todos comem sorridentes e tomam vinho.

SAULO

Daniel, acho que esse cara não existe, você está inventando!

(CONTINUA...)

JOÃO
Eu já li alguma coisa sobre essa
tal sociedade japonesa. Mas num
livro de ficção!

SAMUEL
Você leu um livro inteiro, João?

João leva na esportiva e ri.

SAULO
Esse Lucídio pode até ser um
farsante, uma invenção de Daniel, o
que for, mas é um grande
cozinheiro!

MARCOS
O homem é um gênio. Ele tem que vir
aqui. Merece aplausos.

Abel come de olhos fechados. Parece estar em êxtase.

ABEL
Agora posso morrer.

Todos riem. João olha para Abel, rindo.

DANIEL
Já está na hora de vocês fazerem as
pazes, não é?

ABEL
Por mim, já estão feitas! Inebriado
por esta mágica tão sublime, quase
etérea, percebo como a gente se
deixa chatear por coisas pequenas.

João e Abel apertam as mãos. Os outros batem palmas.

CORTA PARA:

O jantar acabou: há uma XÍCARA DE CAFÉ para cada um na mesa.
Alguns fumam charutos.

MARCOS
Só hoje eu entendi o que é arte de
verdade... Que jantar!

JOÃO
Você conseguiu, Daniel. O clube
está de volta!

(CONTINUA...)

ABEL

Pena Ramos não estar aqui. Era sempre nestes momentos que ele discursava.

Daniel se emociona.

DANIEL

Discursos memoráveis. Lembro de um que me tocou especialmente...

FUSÃO PARA:

57

INT. SALA DA CASA DE DANIEL / PASSADO - NOITE

RAMOS fuma um charuto. Agora, ele parece ter mais de 50 anos.

RAMOS

Guardem este momento. Um dia nos lembraremos dele e diremos: foi o nosso melhor momento.

Ele está em pé, em frente à mesa, com um COPO DE CONHAQUE na mão, e todos os integrantes do clube - exceto André - estão virados para ele.

RAMOS

Compararemos outros momentos das nossas vidas com este e diremos que nunca mais fomos assim.

Enquanto Ramos fala, vemos que todos prestam muita atenção.

RAMOS

Nos sacieremos de novo, por certo, pois essa é a bênção do apetite. Não é todos os dias que se quer ver um pastoso Van Gogh, ouvir uma crocante fuga de Bach ou amar uma succulenta mulher, mas todos os dias se quer comer. A fome é o único desejo reincidente, pois a visão acaba, a audição acaba, o sexo acaba, o poder acaba mas a fome continua.

Ramos se movimenta, ronda a mesa.

RAMOS

Mas mesmo saciados, nunca mais estaremos saciados como agora,
(MAIS...)

(CONTINUA...)

...CONTINUANDO:

55.

RAMOS (...cont.)
cheios das nossas virtudes e do
prazer na amizade, na comida e na
vida.

Ramos para, ergue seu copo.

RAMOS
Senhores, exultai! Estamos no nosso
ápice.

Todos bebem seus copos de conhaque.

RAMOS
Senhores, chorai. Começou o nosso
declínio.

Todos bebem novamente, sorrindo.

58 INT. SALA DA CASA DE DANIEL - NOITE

De volta ao primeiro jantar com Lucídio. TRILHA SONORA
súbita sugere TENSÃO. Vemos Lucídio de costas. Ele está
parado em frente à mesa de jantar. Todos, ainda sentados,
batem palmas. João está ajoelhado na frente dele.

JOÃO
Preciso beijar suas mãos!

LUCÍDIO
Deixe-me limpá-las primeiro, elas
cheiram a mortalidade.

Lucídio limpa as mãos com um guardanapo.

DANIEL (V.O)
Depois, eu comentei com Samuel a
frase estranha que Lucídio disse
neste primeiro jantar.

CORTA PARA:

59 CLOSE - SAMUEL

Samuel olha para a câmera. Não reconhecemos o local.

SAMUEL
Foi uma citação. Shakespeare. Rei
Lear.

Ele acende um cigarro.

(CONTINUA...)

DANIEL (V.O)
Maldito Samuel com sua erudição
obscura...

60 INT. SALA DA CASA DE DANIEL - DIA

Daniel dorme no sofá, sorrindo. É acordado pelo toque de seu celular. Atende.

DANIEL
Alô.

SAULO (OFF)
Daniel? Daniel levanta.

DANIEL
Fala Saulo! Diga aí, essa é a
melhor ressaca da sua vida ou não
é? Ontem foi nossa ressurreição!

SAULO (OFF)
Daniel...

DANIEL
Pode se animar porque eu acho que
agora Lucídio vai cozinhar todas as
vezes!

SAULO (OFF)
Daniel, escuta...

DANIEL
Pensei em construir um brasão novo!

SAULO (OFF)
Daniel, me escuta um pouco. Abel
morreu.

DANIEL
Abel o quê?

SAULO (OFF)
Morreu. Gisela me ligou.

61 INT. QUARTO DE GISELA E ABEL - NOITE

Na cama do quarto, Gisela, só de calcinha, está desesperada:
Abel não acorda. Ela chora bastante.

(CONTINUA...)

GISELA
(grita)
Abel!

Ela bate no peito dele com muita força. Não adianta.

GISELA
Meu Deus...

Em pânico, tremendo muito, ela sai da cama, vai até um frigobar que está perto, pega uma QUENTINHA com restos de comida, volta para a cama e joga tudo no rosto de Abel.

GISELA
Abel... Abel... Meu amor, está sentindo o cheiro? É estrogonofe. Abel, acorda Abel, por favor.

Abel não reage. Ela desaba em cima dele, chorando.

GISELA
(grita) Abel!

62 INT. SALA DA CASA DE DANIEL - DIA

Daniel, com o celular no ouvido, está tenso.

DANIEL
Morreu?

63 EXT. CEMITÉRIO - DIA

Chove. É o velório de Abel. Os membros do clube estão todos juntos, separados das outras pessoas e mais distantes do caixão.

Ao lado do caixão aberto, Gisela chora. Ela está cercada por um grupo de pessoas, entre elas: os PAIS de Abel; NORINHA; e um JOVEM de 18 com quem Norinha está abraçada.

Daniel e Samuel estão lado a lado.

DANIEL
Coração?

SAMUEL
Acho que sim. Ele já devia ter um problema e nunca contou para a gente. Deve ter morrido em cima da ninfeta, o crápula.

(CONTINUA...)

SAULO

A comida não foi. Nós todos comemos
a mesma coisa e ninguém sentiu
nada. Alguém sentiu alguma coisa?

Todos fazem sinais negativos com a cabeça. André está atrás
de Daniel e põe a mão no ombro dele.

ANDRÉ

Daniel...

Daniel se vira um pouco. Segura a mão de André.

DANIEL

Sim...

ANDRÉ

E o próximo jantar, sai?

Rápido silêncio.

DANIEL

É o seu jantar, não é? Você falou
com Lucídio?

ANDRÉ

Sim.

Daniel balança a cabeça: "sim". André parece ficar
tranquilo. Eles ouvem a voz de Gisela:

GISELA (OFF)

... foi na casa daquele gordo ali.

Gisela, conversando com algumas senhoras, aponta para o
grupo.

CORTA PARA:

64 ENTERRO

Algum tempo se passou: vai começar o enterro. Daniel, Samuel
e André estão separados do restante do grupo.

Ao lado do caixão, vemos que um PADRE chegou e está falando.

PADRE

... a vocação de Abel se perdeu
para a Igreja, mas neste momento
seu espírito volta para ela,
certamente contrito.

André aponta para Norinha e fala com Daniel.

(CONTINUA...)

ANDRÉ
Quem é aquela?

DANIEL
É a ex-mulher de Abel, com o filho deles.

ANDRÉ
Não sabia que Abel tinha um filho.

Rápido silêncio.

DANIEL
E no seu jantar, o que teremos?
Paella outra vez?

ANDRÉ
Sim. Lucídio me disse que conhece
uma receita de *paella* diferente.
Ele aprendeu em uma ilha no oceano
índico colonizada por espanhóis.

Samuel ri, sarcasticamente.

SAMUEL
Oceano Índico? Esta *paella* deve ser
coisa de outro mundo mesmo.

DANIEL
Não estou gostando deste olhar de
Gisela para a gente.

Gisela olha para eles com raiva.

SAMUEL
Manda se foder.

Perto do caixão, as pessoas fazem o sinal da cruz,
acompanhando o padre. Gisela continua olhando.

DANIEL (V.O)
O Clube do Picadinho tem um longo
rastros de mulheres ressentidas
atrás de si. Já desmanchamos alguns
casamentos. Mas aquela era a
primeira vez que tínhamos matado um
marido na mesa.

65 EXT. JARDIM EM FRENTE À CASA DE DANIEL - DIA

Daniel está sentado na mesinha. Lívia, com roupas de malhação, corre numa ESTEIRA instalada ao lado. Daniel olha com desgosto para um PRATO DE SALADA intacto. O celular toca, ele atende.

66 INT. QUARTO DE LUCÍDIO - DIA

CLOSE na boca de Lucídio.

DANIEL (OFF)
Oi, tudo bem?

LUCÍDIO
Quero lhe pedir um favor.

DANIEL (OFF)
Claro, é só dizer.

LUCÍDIO
Eu prefiro fazer o jantar de André na sua casa.

67 EXT. JARDIM EM FRENTE À CASA DE DANIEL - DIA

Lívia, correndo, vê que Daniel está falando no telefone.

LUCÍDIO (OFF)
Acho que eu e sua cozinha nos demos bem.

DANIEL
Por mim, tudo certo. E os ingredientes?

Lívia ouve isso, perde a concentração e quase cai.

68 INT. QUARTO DE LUCÍDIO - DIA

Lucídio sorri, sem mostrar os dentes.

LUCÍDIO
Minha receita precisa de um tempero especial que só se encontra no Leste da África.

Mão de Lucídio manuseia um PÓ VERDE que está numa superfície de madeira, ao lado de DENTES DE ALHO.

(CONTINUA...)

LUCÍDIO
Por sorte, tenho um pouco aqui em casa.

DANIEL (OFF)
(rindo)
Mas não é venenoso como o fugu, não é?

Novamente, CLOSE na boca de Lucídio. Agora, está sério.

LUCÍDIO
Sinto muito por Abel.

69 EXT. JARDIM EM FRENTE À CASA DE DANIEL - DIA

Lívia está desligando a esteira, enquanto olha para Daniel com raiva. Daniel continua falando ao telefone.

DANIEL
Olha, é brincadeira! É brincadeira!

LUCÍDIO (OFF)
Foi coração, não foi?

DANIEL
Parece que sim. Sabe como é, mulher nova...

Lívia toma o telefone das mãos de Daniel.

LÍVIA
Aqui é a namorada de Daniel. Quem é?
(ela aperta algo no telefone)
Quem é?! Desligou!

DANIEL
Lívia, me dê esse telefone.

LÍVIA
Quem era?

DANIEL
Era Lucídio, nosso cozinheiro novo.

Lívia parece incrédula.

LÍVIA
Cozinheiro novo... Vocês vão continuar com isso?

(CONTINUA...)

DANIEL

Lívia, eu já te falei sobre a tradição... Você não entende. É porque não conheceu a gente antes...

Lívia grita, põe com força o celular na mesa e sai.

LÍVIA

Nem venha me falar no tal de Ramos! Pelo que você conta, era o mais doente de todos! Meu Deus...!

Daniel se levanta; derruba o prato de salada.

DANIEL

Lívia... Lívia!

70

INT. SALA DA CASA DE DANIEL - NOITE

O imenso PRATO DE PAELLA posto no centro da mesa. Os temperos e ingredientes compõem uma bela variedade de cores.

DANIEL (V.O)

Inesquecível paella.

Todos comem e interagem, sorridentes, nas mesmas posições em que estavam no jantar anterior. A cadeira de Abel está vazia.

DANIEL (V.O)

Estávamos eufóricos, apesar da morte de Abel. Aliás, não se falou nele durante o jantar. Precisávamos preservar o que ainda estava vivo entre nós. Nossa afinidade animal, nossa fome em bando, era tudo o que nos restava.

André está encantado; sorri de um jeito que até então não tínhamos visto. Parece ter perdido a timidez.

ANDRÉ

Só sinto pela Bitinha não estar aqui. Ela tem sangue espanhol! Estou imaginando o que ela diria desta paella tão diferente!

JOÃO

Esqueça isso, rapaz! Cortar as mulheres do jantar foi uma sábia decisão.

(CONTINUA...)

ANDRÉ

Mas Bitinha merecia estar aqui. Ela ama paellas, é estudiosa de paellas...

Todos batem na mesa em protesto. André ri e se cala. Daniel parece devanear.

DANIEL

Lembrei do discurso do cio de Ramos. Vocês lembram?

MARCOS

Como esquecer?

ANDRÉ

Discurso do cio?

FUSÃO PARA:

71 INT. SALA DA CASA DE SAULO - NOITE

Ramos ergue o copo de conhaque. Na mesma chão, um charuto.

RAMOS

Proponho um brinde às fêmeas e suas glândulas!

Outro momento pós-jantar, agora na casa de Saulo. Ramos circula. Está com uma TRUFA nas mãos. Exibe-a.

RAMOS

Vocês sabiam que as trufas cheiram a um hormônio de porco? Sim, as porcas no cio seguem o cheiro e desenterram a trufa, atrás de amor. Em vez de um marido, encontram um nódulo vegetal, como acontece com muitas moças hoje em dia.

Todos riem.

RAMOS

As maravilhosas trufas que comemos hoje são produto da frustração amorosa de porcas anônimas.

(pausa)

Na verdade, todo o prazer gastronômico é uma forma de cooptação do cio. Interrompemos o processo orgânico de uma planta ou bicho para comê-los. E gastamos

(MAIS...)

(CONTINUA...)

RAMOS (...cont.)
nossa própria voluptuosidade no
prazer de comer.

Ramos põe de volta a trufa na mesa.

RAMOS
A história humana começa quando a
fêmea hominídea substitui o cio dos
bichos pela disponibilidade
permanente. Isso inaugura esta
longa fuga da vulva desimpedida que
é a nossa civilização. Todas as
sociedades de homens, como a
nossa...

Ramos faz um gesto circular com o charuto envolvendo os
membros do clube, deixando um rastro de fumaça.

RAMOS
... são o Paraíso recuperado, antes
do cio mensal e da nossa queda na
História.

Todos batem palmas. Ramos faz uma reverência.

72

INT. SALA DA CASA DE DANIEL - NOITE

De volta ao jantar. Todos terminaram, menos André. Ele raspa
os restos de *paella* e reúne um montante razoável.

ANDRÉ
Posso levar para Bitinha?

TODOS
Não!

ANDRÉ
Ok...

André se resignou: vai comer sozinho mesmo. Devora
rapidamente o prato. Restam dois grandes pedaços de bulbos
de alho. Ele aperta-os com o garfo, fazendo espirrar o
interior cremoso, e come o creme com as cascas.

Samuel olha para André.

SAMUEL
Os deuses são justos, e dos nossos
vícios mais doces...

(CONTINUA...)

Vemos que Lucídio está em pé, perto da mesa. A mesma trilha sonora sugerindo tensão da cena do outro jantar sobe. Não vemos o rosto dele.

LUCÍDIO
Fazem instrumentos para nos atormentar.

A trilha segue enquanto André termina de comer a paella.

DANIEL (V.O)
Eu não sabia, mas essa citação também é de Shakespeare.

André termina. Põe os talheres em cima do prato. Sorri.

73

EXT. CEMITÉRIO - DIA

Bitinha está sentada, vestida de luto, ao lado de um caixão aberto onde André jaz deitado. Algumas pessoas rondam o caixão. O dia está chuvoso. Daniel se aproxima.

DANIEL
Meus pêsames, Dona Bitinha.

Bitinha não tem qualquer reação. Daniel, hesitante, busca a mão dela em seu colo, aperta-a, e depois a devolve, com cuidado. Ela sequer olha para ele. Daniel sai.

Vemos que o grupo todo está reunido no mesmo lugar em que estava no velório anterior. Daniel se junta a eles.

DANIEL
Alguém mais sentiu um cheiro de alho vindo do caixão?

Saulo está ao lado de Daniel. Fala ao ouvido dele - mas os outros ouvem.

SAULO
Primeiro Abel, depois André... Se for por ordem alfabética...

Daniel engasga. Todos olham para ele.

DANIEL
É coincidência.

MARCOS
Pode ser, Daniel. Mas eu, se fosse você, pulava o próximo jantar.

(CONTINUA...)

DANIEL

Não tem nada a ver. Abel morreu
trepando com Gisela. E André morreu
de parada cardíaca.

SAULO

Sei não...

CORTA PARA:

74 ENTERRO

O enterro está começando. Várias pessoas rondam o caixão.

DANIEL (V.O)

Para eles, éramos uma parte
incompreensível da vida de André.

Bitinha conversa com algumas senhoras e aponta para os
membros do clube. As senhoras olham feio.

DANIEL (V.O)

Anos antes, muitos ali sonhariam em
pertencer ao nosso grupo. Agora
éramos uma curiosidade, um estorvo.

A chuva cai mais forte.

75 INT. ESCRITÓRIO NA CASA DE DANIEL - NOITE

Daniel está escrevendo. Vemos a tela do computador refletida
em seus olhos - muito vermelhos. A mão de Lucídio surge e
toca o ombro de Daniel, que treme e benze-se. Lucídio se
debruça e olha para a tela do computador.

LUCÍDIO

Muito bem, Daniel, muito bem. Seu
relato está um verdadeiro primor.

DANIEL

Então por isso eu fui deixado para
o fim? Para escrever? Fui eleito
para contar esta história?

LUCÍDIO

Eu diria que sim. Mas o que eu sei,
afinal? Sou apenas o cozinheiro. De
qualquer jeito, vejo algo de
sagrado nesta sua missão de
recapitular tudo. Não deixar que
nossa história morra.

(CONTINUA...)

DANIEL

Você está mesmo aqui, Lucídio? Como é possível que você esteja aqui, agora?

LUCÍDIO

Discernir a realidade da ilusão é uma das capacidades mais básicas para um escritor, Daniel. Você é tão inocente assim?

DANIEL

Acho que bebi vinho demais.

LUCÍDIO

O que vem agora?

Daniel volta a escrever.

76 INT. SALA DA CASA DE DANIEL - DIA

Daniel, Saulo e Marcos estão sentados, lado a lado, na mesa, pensativos. Saulo come um CHOCOLATE.

MARCOS

Já sei! Ligue para ele e pergunte se o próximo jantar vai ser cordeiro.

DANIEL

Por quê?

MARCOS

Por quê...? Porque é o seu prato preferido, Daniel! Não é?

SAULO

Boa! Boa ideia.

Nervoso, Daniel pega o telefone celular e disca.

77 INT. QUARTO DE LUCÍDIO - DIA

Mãos de Lucídio cortam uma LARANJA numa mesinha. Outras laranjas estão ao lado. Celular toca.

CLOSE na boca de Lucídio.

LUCÍDIO

Oi Daniel.

(CONTINUA...)

DANIEL (OFF)
Lucídio. Como vai?

LUDÍDIO
Que coincidência, eu ia te ligar
agora. Já estou preparando tudo
para o próximo jantar.

DANIEL (OFF)
Qual vai ser o prato principal?

Lucídio corta outra laranja.

LUCÍDIO
Pato com laranja.

78 INT. SALA DA CASA DE DANIEL - DIA

Daniel desliga o celular. Parece apreensivo.

DANIEL
Pato com laranja.

Daniel, Saulo e Marcos se olham.

79 INT. CARRO DE JOÃO - DIA

João dirige. Seu celular toca. Ele atende.

JOÃO
Oi Daniel.

DANIEL (OFF)
João... Preciso falar sobre o
próximo jantar de Lucídio.

JOÃO
Sim?

DANIEL (OFF)
Vai ser pato com laranja.

João percebe o que Daniel quis dizer. Fica tenso.

JOÃO
Obrigado.

João desliga. Joga o telefone celular pela janela.

80 INT. SALA DA CASA DE DANIEL - NOITE

Daniel, Marcos e Saulo estão no sofá, em silêncio, vestidos a rigor para o jantar. A CAMPAINHA toca. Daniel vai abrir e fica assustado: é João. Eles se estranham.

JOÃO
Pato com laranja feito por Lucídio.
Você acha que eu ia perder?

Saulo e Marcos ficam surpresos. Saulo olha para Daniel.

DANIEL
Eu avisei!

SAULO
Você quer morrer, João?

João senta. Está sério, pensativo.

JOÃO
Vocês estão esquecendo que existem duas teses. Uma: as mortes são por ordem alfabética. Neste caso, é a vez de Daniel. Duas: morre quem mais gosta do prato do dia.

(pausa)
E terceira tese: estamos todos loucos. As mortes não têm nada a ver com os jantares.

MARCOS
De qualquer jeito... Hoje saberemos.

CORTA PARA:

81 SALA DA CASA DE DANIEL

Daniel, Marcos, Saulo, João e Samuel no sofá, com champanhe e canapés. João levanta o copo na direção de Daniel.

JOÃO
Que morra o pior!

Daniel engasga.

MARCOS
(falando baixo)
Sssh... Lucídio pode estar ouvindo!

Todos olham para a porta da cozinha.

82 INT. SALA DA CASA DE DANIEL - NOITE

Três PATOS assados com laranja muito vistosos postos na mesa - dois deles já pela metade. Todos comem rapidamente. João faz expressões orgásticas.

JOÃO
Lucídio não pode ser desta terra!

DANIEL
Preciso confessar uma coisa. A chance de morrer está mesmo aumentando meu prazer na comida.

Samuel olha para Daniel, intrigado.

DANIEL
Você não está sentindo, João?

João olha para Daniel, sério, e não diz nada. Daniel para por um instante. Parece estar devaneando.

DANIEL
Vocês lembram do último jantar com Ramos?

MARCOS
Claro que sim. Ele se fartou daquele maldito molho de menta.

JOÃO
Que só ele comia!

FUSÃO PARA:

83 INT. COZINHA DA CASA DE DANIEL / PASSADO - NOITE

Samuel no fogão. Ele mexe na panela um MOLHO DE MENTA. Desliga o fogo, despeja o molho num recipiente e sai da cozinha em direção à mesa. A porta da cozinha está aberta.

84 NA SALA

Todos reunidos, mesa posta. Ramos em pé, fumando um cigarro. Samuel põe o molho na mesa, onde vemos outros pratos. Ramos parece abatido. Sua voz soa doente.

RAMOS
Muito obrigado, caríssimo Samuel. Hoje, meus irmãos, gostaria de falar sobre a inveja secreta que temos dos condenados.

(CONTINUA...)

(pausa)

Nossa vida é uma história de assassinato mal contada, sem as simetrias e as epifanias da arte. Conhecemos o nosso assassino desde o início. Sim, ele nasce conosco, sua identidade não é um mistério. Mas não conhecemos seu jogo.

Ramos tosse. Traga longamente o cigarro.

RAMOS

Saber a hora e a forma da nossa morte é como ser presenteado com um enredo, uma trama. Passamos a fazer outra leitura da nossa vida. Não há leitores casuais nos corredores da morte.

85 INT. SALA DA CASA DE DANIEL - NOITE

O jantar terminou. Lucídio está perto da mesa. Não vemos seu rosto. A trilha indicando tensão sobe. De cabeça baixa, João bate palmas sozinho.

LUCÍDIO

... e o segredo está no casamento entre a maçã e a laranja.

JOÃO

Perfeita harmonia.

Lucídio faz uma reverência.

LUCÍDIO

Prefiro ser criticado por falta de sabedoria do que elogiado por excesso de suavidade.

Discretamente, Samuel sorri e abana a cabeça negativamente.

86 EXT. CEMITÉRIO - DIA

Os quatro membros restantes do grupo no mesmo lugar onde estavam nos outros velórios. Marcos chora compulsivamente. Chove. Perto do caixão, vemos várias pessoas.

MARCOS

É castigo!

(CONTINUA...)

DANIEL
Que castigo?

MARCOS
Estamos sendo punidos.

DANIEL
Por quê?

MARCOS
Pela corrupção das nossas almas.

Saulo segura o braço de Maros.

SAULO
Calma, Marcos.

CORTA PARA:

87 CEMITÉRIO

Vemos o velório de longe. Lívia, vestida de luto, passa. Ela anda com pressa em direção ao velório.

CORTA PARA:

88 CEMITÉRIO

Lívia chega até Daniel e os outros. Cumprimenta apenas Marcos e Saulo - ignora Samuel.

DANIEL
Lívia...

Lívia está alterada.

LÍVIA
O que é isso, Zi?

DANIEL
Ninguém foi envenenado na minha casa!

LÍVIA
Três jantares, três mortes!

Uma das senhoras perto do caixão nota a discussão.

DANIEL
Lívia, estamos num velório. Por favor, baixe o tom de voz...

(CONTINUA...)

A mulher se junta a Lívia.

MULHER
Eu também quero saber: como vocês
explicam isso?

Daniel está acuado. Samuel e Saulo fazem fileira atrás dele.

SAMUEL
Ninguém tem que explicar nada. Foi
uma fatalidade.

SAULO
Vocês estão abaladas, isso é um
prato cheio para a paranoia.
Prestem atenção... Marcos?

Saulo vê que Marcos está junto ao caixão, ajoelhado, mãos em
riste.

MARCOS
Pecador!

Saulo vai em direção a Marcos.

MARCOS
Que a corte celestial ilumine tua
passagem, meu irmão, e desnude os
terríveis vícios terrenos, para que
jamais sejam cometidos em outras
vidas...

Saulo puxa Marcos à força. Eles vão até os outros.

SAULO
Ele não está bem. Acho melhor irmos
embora.

DANIEL
Boa ideia. Vamos, vamos. Os quatro
vão saindo. Lívia hesita, mas
acompanha.

LÍVIA
Eu não acredito nisso...! Não está
acontecendo!

A mulher que falou antes olha para eles, indignada.

MULHER
Isso não vai ficar assim! Eu vou
pedir uma autópsia.

89 INT. COZINHA DA CASA DE DANIEL - TARDE

Daniel, sentado na mesinha, escreve num caderninho. Lívia, em pé ao lado do fogão, olha para ele, de braços cruzados. Eles ainda estão com as mesmas roupas do enterro.

LÍVIA
Você não vai dizer nada?

DANIEL
Lívia, eu estou escrevendo...

Lívia se irrita. Arranca o caderno da mão de Daniel.

LÍVIA
Escrevendo! É claro, porque está tudo bem, né?! Ela rasga o caderno.

LÍVIA
Escrevendo estas porcarias que não vão te levar para lugar nenhum... Eu já te falei tanto para você se engajar em alguma coisa, Zi... Mas você não me ouve!

DANIEL
Lívia... Saulo está certo, você está paranoica. As mortes não têm relação nenhum...

LÍVIA
Vocês vão continuar com os jantares?!

Daniel faz uma expressão: "por quê não?".

LÍVIA
Eu quero saber mais sobre esse tal de Lucídio. De onde ele saiu?

DANIEL
É um amigo...

LÍVIA
Um amigo... Um amigo...

Lívia atingiu o ápice da raiva. Sai ensandecida.

LÍVIA
Putaquepariu! Meu Deus, até xingando eu estou agora! Daniel, você ainda vai me matar, sabia?!

Daniel fica acuado. Se ajoelha no chão, cata os papéis do caderno rasgado.

90 EXT. JARDIM EM FRENTE À CASA DE DANIEL - DIA

Daniel sozinho, sem camisa, sentado na mesinha do jardim. Na mesa, PRATOS COM FATIAS DE CARNE, FAROFA, MOLHO, COUVE, uma GARRAFA DE VINHO. O celular, também em cima da mesa, toca.

91 INT. QUARTO DE LUCÍDIO - DIA

CLOSE na boca de Lucídio, falando ao celular.

DANIEL (OFF)
Oi Lucídio. Como vai?

LUCÍDIO
Sinto muito por João.

DANIEL (OFF)
Anrã.

LUCÍDIO
Foi coração?

92 EXT. JARDIM EM FRENTE À CASA DE DANIEL - DIA

Daniel fala o telefone, de boca cheia.

DANIEL
Parece. Falaram em fazer autópsia e tudo.

LUCÍDIO (OFF)
Autópsia?

DANIEL
Para saber o que matou. Pode ter sido até... Sei lá.
(hesita)
Veneno.

Silêncio. Daniel parece aflito.

93 INT. QUARTO DE LUCÍDIO - DIA

CLOSE na boca de Lucídio. Ele está em silêncio, sério.

DANIEL (OFF)
Alô, você está aí?

LUCÍDIO
Estou.

DANIEL (OFF)
Por favor, não me entenda mal. Eu não quis insinuar nada. Podemos falar do próximo jantar?

LUCÍDIO
Certo.

DANIEL (OFF)
O que você está pensando em fazer?

LUCÍDIO
Quiches. Como prato principal.

94 EXT. JARDIM EM FRENTE À CASA DE DANIEL - DIA

Daniel, tentando ficar calmo, fala ao celular.

DANIEL
Quiches... Marcos adora quiches.

LUCÍDIO (OFF)
Que bom.

Daniel desliga.

95 INT. ESCRITÓRIO DA CASA DE DANIEL - NOITE

No escritório, Daniel tranca a porta. Estão ele, Marcos, Saulo e Samuel, comendo canapés e bebendo champanhe, vestidos a rigor para o jantar.

Samuel, de cabeça baixa, está um pouco distante dos outros.

SAULO
Abel, André, João... Se é em ordem alfabética, ele pulou você, Daniel.

Marcos parece especialmente aéreo.

(CONTINUA...)

MARCOS

Não é em ordem alfabética. É por pecado. Abel foi o primeiro porque abandonou a igreja.

SAMUEL

Qual era o pecado de André, além de ser chato?

SAULO

E o de João? Mentiroso? Acho que picaretagem não está nos mandamentos, ou está?

MARCOS

Bom. Então não é por ordem nenhuma. Ele escolhe um para morrer e faz o prato que o cara mais gosta.

Todos olham para Marcos.

DANIEL

Mas gente, eu não sei não... Será? Morre como?

SAULO

Ô Daniel, acorda! Ele está envenenando a gente. Deve ser com o veneno do tal peixe japonês.

Samuel ri sarcasticamente.

SAMUEL

E vocês acreditaram nessa história?

DANIEL

Por que não acreditar? Ele... Ele me mostrou a escama!

SAMUEL

A escama não prova nada.

Samuel levanta, tira a carteira de bolso e de dentro dela puxa uma escama idêntica à de Lucídio.

Daniel fica surpreso.

SAMUEL

Essa merda é vendida em qualquer loja de artigos japoneses.

(CONTINUA...)

DANIEL
Então ele mentiu?

SAULO
Não interessa se ele mentiu. O que
interessa é que Marcos é o
escolhido da noite. E aí, Marcos,
qual vai ser?

Marcos está de olhos fechados, sorrindo.

MARCOS
Sintam...

SAULO
O quê?

MARCOS
O cheiro das quiches.

96 INT. SALA DA CASA DE DANIEL - NOITE

Marcos, sentado na mesa, observa o prato em sua frente, numa
mistura de encantamento com transtorno. Duas quiches
grandes, muito bonitas, brilhantes, ocupam todo o prato.

Samuel, Daniel e Marcos têm pratos iguais diante de si. As
cadeiras vazias marcam a presença dos que já se foram.

Marcos tira o primeiro pedaço de sua quiche. Saboreia
lentamente. Começa a chorar.

MARCOS
Meu destino era alimentar as almas
do mundo com minha arte. Olha onde
eu vim parar...

SAMUEL
Deixa para lá, Marcos, não precisa
continuar comendo.

SAULO
É. Vamos parar, todo mundo.

MARCOS
Não! Eu vou comer! Não tenho razão
para dispensar a melhor quiche da
minha vida!

Marcos devora a quiche com ferocidade. Os outros também
comem. Marcos para um pouco. Chora mais.

(CONTINUA...)

MARCOS

No fim das contas, quem diria,
minha melhor obra foi o nosso
clube. E como co-autor.

FUSÃO PARA:

97 INT. SALA DA CASA DE DANIEL / PASSADO - TARDE

O clube, na época de Ramos, está reunido num sofá. Marcos
exibe um DESENHO de sua autoria para os outros.

O desenho mostra os membros do clube tornados anjos, numa
mesa redonda flutuante. Lembra a Santa Ceia, com Ramos no
lugar de Jesus.

MARCOS (V.O)

Por favor, joguem fora todos os
meus quadros e desenhos. Não quero
ser lembrado por eles. São todos
falsos. Era tudo mentira.

98 INT. SALA DA CASA DE DANIEL - NOITE

Voltamos para o jantar. Trilha de tensão sobe: Lucídio está
em pé, ao lado de Marcos - o único que ainda janta. Vemos o
rosto de Lucídio só até a boca. Marcos termina. Suspira.

SAMUEL

O pior ainda não veio se
consequimos dizer "Isto é o pior".

Lucídio sorri, sem mostrar os dentes.

DANIEL (V.O)

Shakespeare. Rei Lear, ato quatro,
cena um.

CORTA PARA:

99 INT. SALA DA CASA DE DANIEL - NOITE

Somente um ABAJUR ilumina a cena. Daniel está sentado num
dos sofás e Samuel deitado no outro, com o queixo enterrado
no peito. Os dois estão vestidos como estavam no jantar.

Samuel olha para a pintura de Marcos na parede.

(CONTINUA...)

SAMUEL

Você acha que Marcos se matou por autocrítica?

DANIEL

Então é isso que a gente está fazendo? Se suicidando?

SAMUEL

Eu não. E você?

Daniel se move no sofá para ficar mais perto de Samuel.

DANIEL

Samuel, me diz uma coisa... Como é que você tem uma escama igual à de Lucídio?

SAMUEL

Pergunte a Lucídio porque ele tem uma escama igual à minha. E mentiu sobre ela.

DANIEL

Por que você acha que Lucídio mentiu?

SAMUEL

Puta merda. Toda essa presepada do fugu é invenção. Não está na cara?

DANIEL

Por que ele está envenenando a gente?

SAMUEL

A pergunta certa é: porque a gente está se deixando envenenar?

Daniel faz uma expressão pensativa.

100 EXT. CEMITÉRIO - DIA

Daniel, Saulo e Samuel no velório. Saulo um pouco mais distante dos dois, falando num celular.

O corpo de Marcos no caixão e algumas pessoas rondando.

Samuel e Daniel observam. Daniel parece inseguro.

(CONTINUA...)

DANIEL
Lucídio já sabia que Ramos morreu
de Aids. Como?

SAMUEL
Alguém contou.

DANIEL
Você e ele já se conheciam...

Samuel fecha os olhos. Faz um gesto: "não vou dizer nada".
Depois:

SAMUEL
Sabe qual é um dos grandes enganos
da humanidade a seu próprio
respeito?

DANIEL
Qual?

SAMUEL
Existe o remorso.

Samuel sai.

CORTA PARA:

CEMITÉRIO

Em outro ponto do cemitério, vemos o SENHOR SPECTOR. É um
senhor com cerca de 50 anos, baixo e gordinho, vestindo
terno e usando uma cartola. Ele acena para Daniel.

Daniel observa, curioso.

O Sr. Spector chama Daniel com as mãos.

Daniel vai até ele, desconfiado. Apertam as mãos.

DANIEL
Olha, senhor, ninguém foi
envenenado na minha casa...

Simpático, Sr. Spector sinaliza para Daniel parar de falar.

SR. SPECTOR
Imagine... Não é nada disso. Só
queria lhe entregar meu cartão.

Ele tira um CARTÃO do bolso do paletó e entrega a Daniel.
Daniel lê o cartão: "Eugênio Spector - Eventos".

(CONTINUA...)

SR. SPECTOR
Gostaria de falar com o senhor.
Quando for conveniente.

DANIEL
Conveniente...?

O Sr. Spector gesticula e sorri.

SR. SPECTOR
Assim que passar a dor.

DANIEL
Ok...

101 EXT. CEMITÉRIO - TARDE

Saulo, Marcos e Samuel estão sozinhos, em outro ponto do cemitério. A chuva parou, mas o céu continua nublado. Samuel está sentado numa sepultura, de cabeça baixa, fumando.

SAULO
E o próximo jantar, o que vai ser?

102 INT. QUARTO DE LUCÍDIO - DIA

CLOSE na boca de Lucídio, falando ao celular.

LUCÍDIO
Crepes.

103 EXT. CEMITÉRIO - TARDE

De volta ao cemitério.

SAULO
Crepes?
(pausa)
Bem, por ordem alfabética, o próximo é você, Samuel.

SAMUEL
Não gosto tanto assim de crepe.

DANIEL
Nem eu.

SAULO
Nem eu.

(CONTINUA...)

DANIEL

Então ótimo. Vamos ter um jantar sem mortes.

Samuel se levanta, anda um pouco. Traga longamente o cigarro enquanto olha para algo.

É uma ESTÁTUA DE UM ANJO EMPUNHANDO UMA ESPADA, adornando um mausoléu. Samuel está de costas para Daniel e Saulo.

SAMUEL

Em várias culturas existe a figura do Executor Sagrado. É o assassino necessário, que faz sua parte num ritual. E nem sempre é compreendido.

DANIEL

Executor sagrado?

Saulo se irrita.

SAULO

Se Lucídio é o tal executor sagrado, você é o quê?

Samuel dá sua risada característica e sai.

SAMUEL

Vocês não estão entendendo nada.

104 INT. CARRO DE SAULO - TARDE

A chuva cai no pára-brisas do carro. Saulo dirige. Samuel no banco de carona, olhando para a sua janela. Daniel atrás, no meio. Saulo se desconcentra, quase bate em outro carro.

SAULO

Olha... Vocês eu não sei. Mas eu acho melhor a gente acabar com essa brincadeira.

Samuel não responde. Daniel parece meditar sobre algo.

SAULO

Vamos fazer nosso último jantar, comer nossos crepes e acabar com essa história. Hein? Ouvi dizer que Gisela vai investigar a morte de Abel... Pode sobrar para a gente!

Samuel e Daniel parecem não estar ouvindo Saulo.

(CONTINUA...)

DANIEL
Wanton boys...

Samuel vira para Daniel.

SAMUEL
O quê?

DANIEL
Wanton boys... O que é isso? De onde é?

Samuel volta a olhar para a janela.

SAMUEL
Shakespeare. Rei Lear.

SAULO
Que merda é essa? Vocês não estão me ouvindo, porra?!

Daniel parece estar esforçando para lembrar de algo.

FUSÃO PARA:

105 EXT. ORLA - NOITE

Numa orla de mar ou rio, Daniel e Ramos caminham lado a lado.

Atrás deles, também caminhando, vemos os outros integrantes do clube, em grupos esparsos.

Daniel folheia uma EDIÇÃO DE BOLSO DO REI LEAR, de Shakespeare.

DANIEL
Peça de teatro, Ramos? Isso não é frescura não?

RAMOS
(ri)
Não é frescura. Vá por mim. Você não escreve?

Daniel faz uma cara: "escrevo?". Ramos parece pensativo.

RAMOS
Sabe... Eu não estou muito bem hoje. Tem um amigo meu que está na cidade. Amigo... É um amante.

Daniel fica desconfortável. Tenta disfarçar.

(CONTINUA...)

DANIEL

Sei...

RAMOS

Eu ainda nem procurei ele... É um caso complicado. Eu tenho outro amigo também, que mora aqui mesmo.

DANIEL

Sei...

RAMOS

Estou aborrecendo você?

DANIEL

Não, não.

Eles param de caminhar. Ramos acende um cigarro.

RAMOS

Histórias de amor são aborrecidas. A infinita variedade do comportamento humano não tem o fascínio que dizem, sabe?

DANIEL

Sei.

RAMOS

Se os dois fossem pessoas sensatas... Mas são loucos e crueis.

DANIEL

Eles se conhecem?

RAMOS

Se conhecem. E se odeiam. Meus wanton boys...

Os outros se aproximam. Ramos e Daniel voltam a caminhar.

DANIEL (V.O)

Na época, eu devo ter jogado o livro fora. Mas comprei outro e fui buscar a citação.

106 INT. SALA DA CASA DE DANIEL - NOITE

Daniel está na mesa. Em suas mãos, outro EXEMPLAR DO REI LEAR, uma versão bilíngue. O caderninho e uma caneta estão ao lado. Ele folheia o livro, pega a caneta e sublinha um trecho:

"As flies to wanton boys are we to the gods; they kill us for their sport".

Daniel sublinha mais vezes o termo "wanton boys". Puxa uma seta e escreve: "meninos maus". Olha a tradução do trecho no próprio livro e lê em voz alta.

DANIEL

Como moscas para os meninos maus
somos nós para os deuses. Eles nos
matam para seu divertimento.

107 EXT. RUA/JARDIM EM FRENTE À CASA DE DANIEL - NOITE

Saulo toca a campainha do portão da casa de Daniel.

Da janela, Daniel abre a cortina e olha.

Do lado de fora, Saulo chama Daniel.

Daniel fecha a cortina. As luzes se apagam.

108 EXT. RUA - NOITE

Saulo e Daniel caminham pela rua. Poças na calçada indicam que choveu. Quase não há movimento.

DANIEL

Você seguiu Lucídio depois do
último jantar? Ficou maluco?

SAULO

Segui.

109 EXT. ESQUINA - NOITE

Numa esquina, Saulo, BARRA DE CHOCOLATE na mão e óculos escuros, observa Lucídio caminhando do outro lado da rua.

SAULO (V.O)

Fui discreto. Não queria que ele se
sentisse perseguido e sumisse.

(CONTINUA...)

DANIEL (V.O)
Claro, claro...

110 EXT. RUA EM FRENTE AO PRÉDIO DE LUCÍDIO - NOITE

Escondido atrás de um carro, agora com outra barra de chocolate na mão, Saulo observa Lucídio entrar num prédio.

SAULO (V.O)
Você sabe onde ele mora?

DANIEL (V.O)
Onde?

CORTA PARA:

111 EXT. RUA EM FRENTE AO PRÉDIO DE LUCÍDIO - NOITE

Voltamos para Saulo e Daniel caminhando na rua: eles estão chegando no mesmo prédio em que Lucídio entrou na cena anterior. Daniel reconhece o edifício.

DANIEL
Mas aqui não é...

SAULO
Sshh... Fale baixo. Exatamente, o prédio de Ramos! Lucídio mora aqui!

DANIEL
Mas como...?

SAULO
E outra coisa... Eu também fui atrás da tal escama.

112 INT. LOJA DE ARTIGOS JAPONESES - DIA

Uma loja apertada, dessas de rua. Muito movimento. Saulo tenta descrever a escama para um SENHOR JAPONÊS.

SAULO
É uma escama assim... Mais ou menos deste tamanho...

O senhor é impaciente. Fala com forte sotaque oriental.

SENHOR JAPONÊS
Não... Aqui não ter isso escama de peixe...

(CONTINUA...)

SAULO

Espera. Ela tem um ideograma que é
mais ou menos assim...

Saulo olha os produtos da loja. Avista o mesmo ideograma da
escama em outro produto. Mostra para o senhor japonês. O
senhor japonês agora faz cara de quem entendeu - e ri.

SENHOR JAPONÊS

Ah... Isso não se vende aqui. É
escama de peixe hermafrodita.
Circula entre os... Gays, sim?

Saulo parece processar a informação.

113 EXT. RUA EM FRENTE AO PRÉDIO DE LUCÍDIO - NOITE

Daniel e Saulo parados em frente ao prédio na rua deserta.

DANIEL

Escama gay? Que maluquice é essa?

SAULO

Pois é, Daniel, pois é! Você sabe o
que é isso?

Saulo mostra uma SEMENTE DE CACAU pendurada em seu chaveiro.

SAULO

É uma semente de cacau. Serve para
me identificar como maníaco por
chocolate entre outros maníacos.
Pois é... Temos encontros,
festivais, você não faz ideia!

DANIEL

Mas o que você está querendo...

SAULO

O que eu estou querendo dizer?

114 INT. PORTARIA - NOITE

Na TV PORTÁTIL, passa um programa de culinária. O PORTEIRO
observa pela janela: Daniel e Saulo discutem na rua.

115 EXT. RUA EM FRENTE AO PRÉDIO DE LUCÍDIO - NOITE

Saulo e Daniel notam o porteiro na janela; ficam desconfiados.

DANIEL

E o que você quer aqui? Lucídio pode aparecer. O porteiro está olhando.

SAULO

Não sei, só estou nervoso com essa história toda! Vamos embora então.

Daniel e Saulo saem, apressados. O porteiro observa de longe.

116 EXT. RUA - NOITE

Daniel e Saulo caminham na rua.

DANIEL

Saulo, desculpe te dizer, mas sua investigação não leva a nada. Nós vamos todos morrer de qualquer jeito.

SAULO

Epa! Eu não não pretendo morrer tão cedo.

Daniel para de caminhar e segura Saulo pelo braço. Olha para ele, surpreso.

DANIEL

Eu não esperava essa reação de você, Saulo, depois de tudo que passamos pelo clube...

SAULO

Mas o clube quase nem existe mais!

Vemos Daniel e Saulo de longe. Eles voltam a caminhar.

DANIEL

Pode ser. Mas parar agora não seria justo com os que já morreram.

117 INT. SALA DA CASA DE DANIEL - NOITE

No sofá, Daniel, Saulo e Samuel sentados. Samuel parece afundado nas almofadas. Saulo sorri de um jeito estranho.

SAULO
Vamos combinar que hoje ninguém
envenena ninguém, hein?

Daniel não presta atenção em Saulo. Volta-se para Samuel.

DANIEL
Você é quem está sendo executado.

Samuel nem se mexe.

SAMUEL
Sim.

DANIEL
Por Lucídio.

SAMUEL
É.

DANIEL
Por quê?

SAMUEL
Vingança.

SAULO
Mas que vingança?

SAMUEL
A morte de Ramos. Eu fui o
executor.

SAULO
Meu Deus... Então foi você que
passou a doença para Ramos?

SAMUEL
Não. Eu envenenei ele. Com o molho
de menta.

118 INT. COZINHA DA CASA DE DANIEL / PASSADO - NOITE

Vemos de novo o flashback no qual Samuel faz o molho de menta na cozinha de Daniel - mas agora, desde um pouco antes. Ele checa se ninguém está vendo. Joga um PÔ no molho.

119 INT. SALA DA CASA DE DANIEL - NOITE

SAMUEL

Foi o próprio Ramos quem pediu para ser envenenado. Ele estava mesmo com Aids e queria encurtar seu sofrimento. Como negar?

Samuel quase chora. Senta-se, com as mãos no rosto.

SAMUEL

Eu amava todos vocês, Daniel...

Som de PORTA RANGENDO. Lucídio surge, da cozinha.

LUCÍDIO

Vamos começar?

Os três olham para ele, sérios.

CORTA PARA:

Na mesa, Daniel, Saulo e Samuel comem CREPES acompanhados por CAVIAR. Lucídio em pé. Saulo está exaltado.

SAULO

Você ficou quieto. Deixou que ele fosse matando todo mundo...

SAMUEL

Eu queria ver até onde ele iria. Chame de curiosidade mórbida.

SAULO

Mas... Mas...

DANIEL

E a gente está fazendo o quê aqui, Saulo? Ninguém faltou a nenhum jantar!

SAULO

Eu sempre vim pela comida!

SAMUEL

Vocês sabiam, desde o começo, que isso era uma execução. Só que pensavam que o ritual era com vocês.

DANIEL

Menos André... No fim, o único inocente da história.

(CONTINUA...)

SAULO
De qualquer jeito, agora acabou!

SAMUEL
Não acabou.

SAULO
Acabou, acabou! Executor Sagrado...
Ritual... Que cretinice é essa?
Isto é assassinato, meus caros!

Saulo se toca de que Lucídio está do seu lado.

SAULO
Nada pessoal...

Durante a conversa, eles terminaram os crepes. Lucídio retira os pratos e sai.

CORTA PARA:

Na mesa, vários pratos com crepes maiores e coberturas e acompanhamentos de cores diferentes estão postos.

Lucídio termina de pôr os últimos dois pratos. Saulo olha para a mesa, desconfiado.

SAULO
Lucídio, por favor, sente-se conosco. Para mostrar que não há ressentimentos!

LUCÍDIO
Acho melhor não...

SAULO
Por favor, eu insisto. A gente não pode esquecer que, apesar de tudo, você é um grande cozinheiro e merece nossa consideração.

LUCÍDIO
Se é assim...

Lucídio senta-se ao lado de Saulo, que sorri.

SAULO
Ninguém pode deixar de provar nenhum crepe, hein?

Todos se servem. Imagens do jantar: todos, inclusive Lucídio, comem todos os crepes.

(CONTINUA...)

CORTA PARA:

Na mesa, todos terminaram e parecem satisfeitos. Samuel fuma.

SAULO
Sem comentários, Lucídio... Sem
comentários para os seus crepes...!

Lucídio levanta, começa a juntar os pratos.

LUCÍDIO
Alguém quer mais?

Todos negam.

LUCÍDIO
Sobremesa?

Saulo hesita.

SAULO
É crepe, também?

LUCÍDIO
Não. Marquise de chocolate.

Saulo engole em seco. Olha para os amigos com uma expressão de dor. Samuel e Daniel parecem empanzinados.

SAMUEL
Eu não quero.

DANIEL
Nem eu.

SAULO
(agarra a toalha de mesa)
Mas eu também não quero!

LUCÍDIO
Então eu mesmo como...

Lucídio anda em direção à cozinha. Saulo está fora de si.

SAULO
Espere! Eu posso... Eu posso só
ver?

Lucídio sorri, sem mostrar os dentes.

CORTA PARA:

(CONTINUA...)

A belíssima marquise de chocolate. Atrás dela, os olhos de Saulo, repletos de lágrimas.

Ele está ajoelhado em frente à mesa, encarando a marquise, babando, de colher na mão. Lucídio está em pé.

LUCÍDIO

Quem sabe a diferença entre um bobo amargo e um bobo doce?

Samuel se levanta e fica frente a frente com Lucídio. Ao fundo, vemos que Saulo come a marquise de chocolate, ajoelhado no chão. Ouvimos seu CHORO.

SAMUEL

Precisamos marcar o próximo jantar.

LUCÍDIO

Dia quinze. Aqui mesmo.

SAMUEL

Meu prato favorito é picadinho de carne com farofa de ovo e banana frita.

LUCÍDIO

Seu prato preferido é cassoulet.

SAMUEL

Mudei.

120 EXT. JARDIM EM FRENTE À CASA DE DANIEL - NOITE

Uma TEMPESTADE cai. RELÂMPAGOS.

121 INT. SALA DA CASA DE DANIEL - NOITE

As luzes do salão estão apagadas. Continuamos ouvindo sons de CHUVA e TROVOADAS. Um trovão reflete o rosto de Samuel.

Outro reflete Samuel e Daniel na mesa.

Outro relâmpago: vemos Samuel, Daniel e Lucídio em pé. Na mesa, uma grande BANDEJA DE PICADINHO e uma GARRAFA DE REFRIGERANTE.

Mais relâmpagos: Samuel e Daniel devoram o picadinho de forma voraz. Eles bebem coca-cola, deixam cair farofa e pedaços de carne da boca, arrotam, comem muito rápido.

Samuel despeja o picadinho direto da bandeja em sua boca.

(CONTINUA...)

Som de CURTO CIRCUITO. A luz da sala se acende. O picadinho terminou.

LUCÍDIO
Quer mais, Samuel?

SAMUEL
Não.

LUCÍDIO
Não?

SAMUEL
Não leve a mal. Mas o picadinho do
Alberi era melhor do que este.
Picadinho não é o seu forte.

LUCÍDIO
Uma banana frita?

Rápido silêncio.

SAMUEL
Está bem.

LUCÍDIO
Perfeito.

Lucídio sai.

CORTA PARA:

Na mesa, um prato com uma BANANA FRITA em frente a Samuel. Daniel continua sentado e Lucídio em pé. Samuel come a banana com as mãos.

DANIEL (V.O)
Se Samuel tinha preparado uma
última frase, não teve tempo de
dizê-la.

Samuel termina a banana. Lambe o prato.

CORTA PARA:

Samuel cambaleia e se contorce ao lado da mesa. Lucídio e Daniel assistem, parados. Daniel parece amedontrado.

DANIEL (V.O)
Morreu oito minutos depois de comer
a banana. Foi o único que eu vi
morrer.

Sons de tempestade e relâmpagos continuam.

(CONTINUA...)

DANIEL (V.O)

Ver Samuel morrer me curou de qualquer ideia de também me deixar envenenar. Aquela história tinha terminado.

Samuel cai. Daniel se levanta e anda em direção ao corpo, carrega-o e põe no sofá. Lucídio continua em pé, observando. O celular de Daniel toca. Ele se assusta, quase deixa o aparelho cair no chão. Gagueja.

DANIEL

Lívia?

LÍVIA (OFF)

Zi, você comeu?

DANIEL

Comi, comi. Picadinho. Farofa. Banana.

LÍVIA (OFF)

Picadinho? Zi, sua voz está estranha. Vou até aí.

DANIEL

Não! Com essa tempestade?

LÍVIA (OFF)

Que tempestade?

Sons de tempestade e trovoadas cessam. Daniel levanta e abre a cortina: o céu está limpo. Atordoado, ele desliga o telefone e deixa-o cair no chão. Procura por Lucídio com o olhar, mas ele não está mais no salão.

122 EXT. CEMITÉRIO - TARDE

O corpo de Samuel deitado num caixão. Chove.

Apenas Daniel está no velório. Sua expressão é de cansaço.

DANIEL (V.O)

Nem Lívia me acompanhou no velório de Samuel. Não está mais falando comigo, desde que soube do jantar.

O Sr. Spector surge e põe uma das mãos no ombro de Daniel. Observa o corpo de Samuel.

(CONTINUA...)

SR. SPECTOR
Câncer?

DANIEL
Coração.

SR. SPECTOR
Aposto que ele não se arrependeu.

CORTA PARA:

Em outro ponto do cemitério, Daniel e o Sr. Spector se despedem. O Sr. Spector sai fazendo sinais para Daniel e sorrindo. Daniel está sério. Acena sem emoção. Seu guarda-chuva quebrou.

DANIEL (V.O)
Acertei com o Sr. Spector que ele me visitaria depois. Ele compreendia, não era o momento.

123 EXT. RUA EM FRENTE AO CEMITÉRIO - TARDE

Na rua em frente ao cemitério, Daniel acena para um TÁXI. O táxi para, Daniel entra no banco de trás. A chuva continua.

DANIEL (V.O)
Depois de enterrar Samuel, fui ao nosso velho bairro. Fazia anos que não ia lá.

124 EXT. RUA EM FRENTE A UMA LOCADORA - TARDE

A chuva parou. Daniel, sentado na calçada, todo molhado, olha para uma locadora de filmes do outro lado da rua.

A locadora está fechada, não há qualquer movimento na rua.

DANIEL (V.O)
Onde era o bar do Alberi agora tem uma locadora. Fiquei tentando me lembrar de como era o bar, mas não consegui.

FADE OUT

FADE IN

125 INT. SALA DA CASA DE DANIEL - NOITE

Um JAZZ INSTRUMENTAL ANIMADO toca. Daniel, vestindo traje de gala e demonstrando tranquilidade, confere a mesa: pratos, talheres e taças estão meticulosamente arrumados.

DANIEL (V.O)

O Sr. Spector disse que o que nós estávamos fazendo lhe interessava muito. "O que é que nós estamos fazendo?", eu perguntei.

SR. SPECTOR (V.O)

Como você chamaria, Dr. Daniel?

DANIEL (V.O)

Como eu chamaria o quê?

SR. SPECTOR (V.O)

Pode confiar em mim. Esta conversa é confidencial. Eu sou inteiramente favorável ao conceito.

Daniel anda em direção à cozinha, abre a porta e entra.

126 NA COZINHA

Lucídio está na cozinha, que está repleta de ingredientes; as panelas borbulham no fogão. Não vemos o rosto dele. No centro da mesinha, um imenso pernil. Daniel sorri.

DANIEL (V.O)

Conceito?

Daniel cirula na cozinha. Olha as panelas, os legumes, os temperos... Belisca algumas coisas.

CORTA PARA:

127 INT. SALA DA CASA DE DANIEL - NOITE

O Jazz para de tocar. Daniel, com barba e expressão desgastada, está sentado no sofá. O Sr. Spector está em pé em sua frente, bastante empolgado e teatral.

SR. SPECTOR

Sim, me refiro ao conceito da... Eutanásia festiva?!

(CONTINUA...)

DANIEL
Eutanásia festiva?

SR. SPECTOR
Retirada orgiástica?!

DANIEL
Retirada...

SR. SPECTOR
Apoteose compadecida?!

DANIEL
Apoteose... Desculpe, Sr. Spector,
mas eu não sei se estou entendendo.

O Sr. Spector se aproxima de Daniel e olha fixamente para ele.

SR. SPECTOR
Digamos que eu represento um grupo
de pessoas interessadas em
participar dessa iniciativa. Em
contratar os seus serviços.

Daniel parece começar a entender.

SR. SPECTOR
E dispostas a pagar um bom dinheiro
por isso.

128 INT. ESCRITÓRIO DA CASA DE DANIEL - DIA

Daniel está escrevendo no computador, com olheiras muito fortes. O dia amanheceu: ele olha em direção à janela e recebe o sol no rosto.

DANIEL (V.O)
Combinamos que o Sr. Spector viria
aqui amanhã, com seus amigos. A
ocasião pede que eu esteja
apresentável. O descanso agora
urge.

Daniel desliga o computador. Boceja.

129 INT. SALA DA CASA DE DANIEL - NOITE

O JAZZ volta a tocar. Daniel está saindo da cozinha. Vai até a porta e abre. É o Sr. Spector, acompanhado de outros cinco ou seis SENHORES vestidos como ele, inclusive usando cartolas. Alguns usam bengalas. Todos sorriem. Daniel aperta as mãos deles.

DANIEL

Sintam-se em casa, senhores. E não tenham receio de pedir mais!

FADE OUT

FIM